

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO SUL DE MINAS GERAIS**

CAMPUS MUZAMBINHO

Curso Superior de Licenciatura em Educação

Física

ANA PAULA DE MELO

**MEU AMIGO AUTISTA:
UMA POSSIBILIDADE DE APRENDIZAGEM SOBRE
AUTISMO ATRAVÉS DA ABORDAGEM CRÍTICO-
SUPERADORA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.**

Muzambinho

2016

ANA PAULA DE MELO

**MEU AMIGO AUTISTA:
UMA POSSIBILIDADE DE APRENDIZAGEM SOBRE
AUTISMO ATRAVÉS DA ABORDAGEM CRÍTICO
SUPERADORA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física, do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Campus Muzambinho, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Orientador: Prof. Ieda Mayumi Sabino Kawashita

**MUZAMBINHO
2016**

COMISSÃO EXAMINADORA

MUZAMBINHO, ____ de ____ de 20__

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as pessoas com transtorno do espectro autista! Que são muitas vezes incompreendidas por não se adequarem a tantas regras nas quais já estamos adestrados.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo e qualquer coisa, à Deus. Que iluminou constantemente os meus caminhos, guiando sempre a melhor escolha.

Agradeço a minha família, que de início achava Educação Física uma profissão sem perspectiva e mesmo assim me apoiaram e não mediram esforços para tornar o meu sonho possível. Hoje perceberam o quanto essa profissão significa para mim.

Ao meu namorado, muito obrigada por aturar meu stress, minha ansiedade. advindos de alguma preocupação acadêmica. Obrigada por compreender os dias em que não liguei e as ocasiões que não pude estar presente! Acredito que de certa forma acabou aprendendo que não podemos ter tudo, sempre será preciso sacrificar algumas coisas para alcançar nossos objetivos!

A esta instituição, muito obrigada. Por toda estrutura fornecida e apoio para que eu pudesse sempre fazer o meu melhor.

Para meus amados professores, não existem palavras que possam aqui ser descritas. Despertaram em mim paixão em lecionar. Foram muito mais que professores de sala de aula, foram professores para a vida. Levarei sempre, muito de vocês comigo.

Meus agradecimentos às tantas turmas pelas quais passei. Hoje muito da experiência que tenho vem de vocês. Obrigada pelo conhecimento compartilhado, as risadas, os abraços e por muitas vezes a despedida. Estarei sempre de prontidão para lhes ajudar no que for preciso.

Finalizo aqui, agradecendo a quem sempre de alguma forma contribuiu e torceu para que esse sonho se tornasse possível.

**“Ensinar esporte a todos. Ensinar bem esporte a todos.
Ensinar mais do que esporte a todos. Ensinar a gostar do Esporte.”**

João Batista Freire

MELO, Ana Paula de. **Meu Amigo Autista: Uma Possibilidade de Aprendizagem sobre Autismo através da Abordagem Crítico-Superadora nas aulas de Educação Física.** 2016. 59 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Campus Muzambinho, Muzambinho, 2016.

RESUMO

A intervenção intitulada “Meu amigo autista: Uma possibilidade de aprendizagem sobre autismo nas aulas de Educação Física” visa uma prática inclusiva para a construção do conhecimento sobre o Autismo nas aulas de Educação Física. Objetiva-se com este trabalho entender a importância do aluno regular em um processo de inclusão possibilitando a ele a aprendizagem sobre Transtorno do Espectro Autista (TEA). Trata-se de uma pesquisa qualitativa desenvolvida em uma escola da Rede Municipal de uma cidade localizada no sul de Minas Gerais. A metodologia será fundamentada na abordagem crítico-superadora, respeitando suas reflexões pedagógicas e fazendo uso da cultura corporal. A metodologia foi aplicada em uma classe de terceiro ano do ensino fundamental I, utilizando jogos, esportes, arquivos multimídias e trabalhos manuais. A intervenção foi realizada no último bimestre letivo de 2015, com duração de dois meses. Foi possível verificar que os alunos romperam com as ideias iniciais acerca do tema e construíram através das práticas um conhecimento básico sobre o “autismo”, que poderá auxiliar agora em uma nova vivência com o colega de sala diagnosticado com (TEA). O resultado se torna extremamente relevante quando referente à idade dos alunos, a quantidade de aulas de Educação Física na semana, a pequena duração da intervenção e a escassez de estudos que envolvem a temática abordada.

Palavras Chaves: Autismo, Inclusão, Educação Física, Crítico-Superadora.

ABSTRACT

Intervention entitled "My autistic friend: A chance of learning about autism in Physical Education" aims at inclusive practice for the construction of knowledge about autism in physical education classes. Objective of this work is to understand the importance of regular student in a process of inclusion allowing him learning about Autism Spectrum Disorder (ASD). It is a qualitative research developed in a school of the Municipal Network of a city located in southern Minas Gerais. The methodology will be based on the critical-surpassing approach, respecting their pedagogical reflections and making use of body culture. The methodology was applied in a class of third year of elementary school, using games, sports, multimedia files and crafts. The intervention was held on 2015 school two months, lasting two months. It found that the students broke with the initial ideas on the subject through the practices and built a basic understanding of the "autism" that may help now in a new experience with the classmate diagnosed with (TEA). The result is extremely relevant when referring to the age of the students, the amount of physical education classes a week, the short duration of the intervention and the lack of studies involving the theme.

Key words: Autism, Inclusion, Physical Education, surpassing critic.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Dever de casa - escrita - 1

Figura 2: Dever de casa - colagem - 1

Figura 3: Dever de casa - escrita - 2

Figura 4: Dever de casa - colagem - 2

Figura 5: Confeção de rotina - 1

Figura 6: Confeção de rotina - 2

Figura 7: Escrita relativa a entendimento do vídeo. Aula 5 - 1

Figura 8: Escrita relativa a entendimento do vídeo. Aula 5 - 2

Figura 9: Escrita relativa a entendimento do vídeo. Aula 7 - 1

Figura 10: Escrita relativa a entendimento do vídeo. Aula 7 - 2

Figura 11: Montagem de quebra-cabeça - 1

Figura 12: Montagem de quebra-cabeça - 2

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Reflexões pedagógicas da abordagem crítico-superadora

Quadro 2: Vantagens da inclusão

Quadro 3: Organização das aulas

Quadro 4: Questionário diagnóstico – 1

Quadro 5: Questionário diagnóstico - 2

Quadro 6: Questionário diagnóstico – 3

Quadro 7: Questionário diagnóstico - 4

Quadro 8: Questionário diagnóstico - 5

Quadro 9: Questionário diagnóstico - 6

Quadro 10: Questionário diagnóstico - 7 – Desenhos

Quadro 11: Aula 2

Quadro 12: Aula 3

Quadro 13: Aula 4

Quadro 14: Aula 5

Quadro 15: Aula 6

Quadro 16: Aula 7

Quadro 17: Aula 8

Quadro 18: Questionário teleológico - 1

Quadro 19: Questionário teleológico - 2

Quadro 20: Questionário teleológico - 3

Quadro 21: Questionário teleológico – Desenhos

LISTA DE ABREVIATURAS E/OU SIGLAS

PNEE: Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais

TEA: Transtorno do Espectro Autista

ANEXOS

1 - Modelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a Direção Escolar

2 - Modelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a Professora

3 - Modelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os Pais ou Responsáveis.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
1.1 Problema	15
1.2 Justificativa	15
2 REFERENCIA TEÓRICO	17
2.1 Educação Física	17
2.2 Abordagem Crítico-Superadora	19
2.3 Inclusão.....	21
2.4 Autismo.....	22
3 METODOLOGIA	26
4 Resultado e Discussão.....	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52
ANEXOS	56

INTRODUÇÃO

A palavra inclusão significa conter em, compreender, fazer parte de, ou participar de. Fazer menção à inclusão escolar é dizer que o aluno se sente parte da escola. (MASINI, 2004). Além disso, a inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais nos traz a oportunidade para que a escola seja uma efetiva representação física da sociedade, compreendendo as diferenças de seus indivíduos.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (lei no 9394/96), em seu artigo 3º, o ensino deverá ser ministrado com base nos princípios de “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” (BRASIL, 1996, p.1).

Entretanto, não se deve, em um processo de inclusão, enxergar somente a pessoa com necessidade educacional especial. No processo de inclusão, a instituição e os professores demandam tanta atenção quanto a criança (CAMARGO; BOSA, 2009). E ainda, se é dever da escola a igualdade de condições, o aluno regular é preocupação da escola, assim como a Pessoa com Necessidade Educacional Especial. É fundamental que se ofereça as mesmas condições, o mesmo cuidado, o conhecimento necessário e a mesma dedicação a todos os alunos sem distinção.

Outra questão importante a ser mencionada é o fato da escola estar estruturada para trabalhar com a homogeneidade e nunca com a diversidade. Contudo, essa homogeneidade de alunos não é uma situação real, e assim, o professor deve estar disposto e preparado a atender toda e qualquer diversidade, entre eles as Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (PNEES), nos quais se enquadra o Autismo que será o tema tratado. (SEABRA JR. et al 2004).

Segundo a classificação de autismo pelo DSM-IV-TR (APA, 2002) é um transtorno global do desenvolvimento, caracterizado pelo desenvolvimento acentuado atípico na interação social e comunicação, marcado por um repertório restrito de atividades e interesses.

As pessoas autistas podem ser tão diferentes umas das outras, tão heterogêneas em suas necessidades e competências, que cada caso

exige uma adequação específica e muito concreta das estratégias e objetivos de tratamento. Os objetivos e procedimentos terapêuticos e educacionais são muito variáveis, dependendo do comprometimento da pessoa, nas suas diferentes dimensões. (CAMARGOS JR., 2005, p.128)

Camargo e Bosa (2009) dizem que existem poucas crianças autistas incluídas em um processo escolar, quando comparadas a outras deficiências existentes. O que nos deixa claro a falta de preparo da Instituição escola para com a demanda.

Sugere-se que, com esse trabalho, possamos entender a importância das partes em um processo de inclusão. Sobretudo com ênfase no aluno regular que é parte importante nesse processo.

Dessa forma, este trabalho, fundamentado pela abordagem crítico-superadora, objetiva oferecer aos alunos conhecimentos sobre o Autismo através das aulas de Educação Física.

1.1 PROBLEMA

Como ensinar os conhecimentos básicos sobre o autismo para uma turma de ensino fundamental I?

1.2 JUSTIFICATIVAS

Durante o estágio curricular supervisionado no fundamental I, percebeu-se que haviam alunos autistas e que para os alunos regulares as ações dos mesmos pareciam piada. Falas consecutivas de: - Não fica olhando! Ele tem problema. As situações se repetiram durante todo o estágio, o que deixou claro que os alunos não tinham conhecimento nenhum sobre as PNEE, despertando assim a curiosidade em saber se em um processo de inclusão os alunos regulares fazem parte dessa prática. Quando já se pesquisava sobre assunto pode-se constatar algumas situações:

- Poucos estudos sobre a *prática* da inclusão escolar;
- Poucos estudo sobre inclusão relacionado a Educação Física;
- Ausência de estudos inclusivos que tenham uma reflexão pedagógica para os alunos regulares;
- Estudos que comprovam um baixo índice de crianças autistas incluídas em escolas regulares;

- Nenhum estudo sobre autismo, inclusão escolar e Educação Física.

Acredita-se que o trabalho é de extrema importância para a comunidade científica, devido a ausência de estudos que compreendam o aluno regular como parte importante em processo de inclusão. Assim como a ausência de trabalhos que façam uso da Educação Física na prática inclusiva.

Se o aluno regular é um importante sujeito no processo de inclusão, seu empoderamento de informações permitirá que se concretize essa importância.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Educação Física

É fato que a área têm passado por momentos difíceis, de uma total deslegitimação social e de insatisfação profissional. Para Gaspari, (2006):

O diagnóstico dos fatores que auxiliam a compreender esse quadro indesejado e pouco transformador deve figurar entre as prioridades das políticas de educação pública, envolvendo de maneira integrada a comunidade acadêmica e a escolar, de modo que a reflexão e a discussão permitam vislumbrar alternativas para sua superação ou redimensionamento (GASPARI, et al. 2006 p. 111).

A superação desse momento pode ser entendida pela tensão permanente do “não mais” e o “ainda não” em muitos motivos (GONZÁLEZ. FENSTERSEIFER, 2010). Muitos professores “ainda não” conseguiram compreender as finalidades da educação física escolar, o que quase sempre se desdobra em uma prática segregacionista, relacionada a aptidão física, pautada pelo rendimento e a habilidade. Contudo “ainda não” se adaptaram aos movimentos renovadores da área e ainda não perceberam a mudança da sociedade que os cerca. Profissionalmente precisamos buscar melhoras para nossa realidade escolar, adequar métodos, conteúdos, objetivos e avaliações que nos permitam trabalhar com a diversidade e assim conseguir uma Educação Física inclusiva.

É muito importante entender que ainda não vivemos a educação física que tanto queremos, contudo precisamos valorizar as conquistas até o presente momento, sem nunca nos esquecer da história, que nos possibilitou essa caminhada. Sobre as concepções de Educação física ao longo do tempo Soler (2009) resume que o ideal do corpo adestrado, saudável, perfeito e habilidoso nada mais é que uma cultura perpetuada ao longo dos tempos onde a concepção de educação física era comprometida com o momento político vigente.

Segundo o autor (2009, p.18), a história da Educação Física Escolar “é uma história de exclusão e marginalização com os menos hábeis (...)” e esse histórico de exclusão da Educação Física se perpetua até hoje, em outros formatos e dizeres. Como quando da exclusão das meninas que “são fracas”, dos gordinhos que não “conseguem correr”, dos magros que não “têm força” e “o não saber fazer nada” das

peças com necessidades educacionais especiais. (SOARES, 2012); (SOLER, 2009).

Assim, quando se fala em educação física inclusiva, a fala está pautada em incluir toda e qualquer diferença, entender e trabalhar toda diversidade existente. (SEABRA JR, 2004).

É preciso entender que a escola regular sempre se pautou pela normalidade e preferiu se resumir à escolarização de alunos homogêneos. Soler (2009). A educação física atuou de acordo com o momento político vigente sobre a homogeneidade dos alunos. Sobre isso, é possível afirmar que tornava-se urgente a criação de um sistema que desse resposta educativa eficaz àquele que é diferente mas que tem direito a participar, agir e contribuir para a sociedade. (CRUZ, 2013, p.30). Para romper com os conceitos de educação física relacionada a aptidão física, precisamos entender e valorizar toda e qualquer diferença.

Sobre isso Sung e Silva (1995), dizem que ser diferente em uma cultura rigidamente estabelecida é realmente muito difícil. Ser diferente se refere a negar uma validade absoluta da cultura vigente. É como se existisse apenas um modo de ser e essa não é a realidade. O que acaba causando um certo pavor naqueles que estão protegidos dentro de sua realidade.

É preciso ainda entender como o capitalismo estimula essa exclusão, fazendo com que a habilidade e o desempenho seja em sua maioria o padrão a ser adquirido para acumular algum bem material ou não. Segundo Soares (2012)

Como se vê, os interesses de classe são diferentes e antagônicos. Portanto, não se pode entender que a sociedade capitalista seja aquela onde os indivíduos buscam objetivos comuns, nem tampouco que a conquista desses objetivos depende do esforço e do mérito de cada indivíduo isolado. (SOARES et al. 2012, p.26).

Como afirma o autor, dizer que todos da sociedade buscam um mesmo objetivo, um mesmo rendimento é afirmar um discurso de ideologia dominante.

Assim, em consciência das diferenças de rendimento de cada indivíduo em sua totalidade, a Educação Física Adaptada busca trabalhar com grupos compostos apenas por PNEE ou grupos mistos. O planejamento deve conter atividades que

deem possibilidade de participação e tem como objetivo visualizar as potencialidades dos alunos e não suas limitações (SILVA et al. 2008). As atividades inclusivas podem ser um caminho a seguir para desenvolver atividades que possibilitem a participação de todos, considerando a sociedade. E, com as mudanças sociais, há sempre uma busca emergente de uma metodologia que melhor compreenda a realidade educacional, esclarece Oliveira (1997).

Os conflitos de classes sociais como consequência alteraram o momento político, originando assim novas pedagogias. É onde se explica a prática social e a ação dos homens na sociedade. A pedagogia emergente tenta responder a interesses específicos dessa sociedade. (SOARES et al. 2012).

Desses movimentos surgiram, concepções de Aulas Abertas, Esportivadora, Educação Física e Saúde, Crítico Superadora e Crítico Emancipatória. (TESTA, 2011). Neste contexto optou-se por uma abordagem crítico-superadora que irá contribuir de forma crítica reflexiva dos alunos.

2.2 Abordagem Crítico-Superadora

Desenvolvida por Soares et al. (2012) a abordagem crítico-superadora, é assim conhecida por ter a concepção histórico-crítica como ponto inicial.

De acordo com Oliveira (1997), a abordagem crítico-superadora pode ser compreendida por:

(...) entende ser o **conhecimento** elemento de mediação entre o aluno e o seu **apreender** (no sentido de construir, de demonstrar, de compreender e de explicar para poder intervir) a **realidade social complexa** em que vive. (...) privilegia uma dinâmica curricular que valoriza, na constituição do processo pedagógico, a intenção dos diversos elementos (trato do conhecimento, tempo, espaço pedagógico, ...) e segmentos sociais (professores, funcionários, alunos e seus pais, comunidade e órgãos administrativos, ...). (OLIVEIRA, 1997, p.24)

Segundo Soares et al. (2012, p.50): a abordagem crítico-superadora “(...) é uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como jogo, esporte, dança e ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal”.

Seu objeto de estudo é a cultura corporal, na qual o aluno a partir da sua cultura a entende como parte da sua realidade social (OLIVEIRA, 1997).

As práticas sociais são produzidas pela ação (trabalho) para atender necessidades sociais. As atividades corporais, componentes da cultura corporal, são vivenciadas no “fazer” corporal, quanto na necessidade de se refletir sobre o significado de “fazer”. (OLIVEIRA, 1977)

A abordagem organiza o ensino em ciclos de escolarização:

– 1o Ciclo: (pré à 3ª. série) – ciclo de organização da identificação dos dados da realidade; – 2o Ciclo: (4a à 6ª série) – ciclo de iniciação à sistematização do conhecimento; – 3o Ciclo: (7a à 8ª série) – ciclo de aplicação da sistematização do conhecimento; – 4o Ciclo: (2º grau) – ciclo de aprofundamento da sistematização do conhecimento. (OLIVEIRA, 1997, p.25).

É organizada ainda em reflexões pedagógicas: diagnóstica, judicativa e teleológica (SOARES, 2012), como mostra o quadro 1.

Quadro 1: Reflexões pedagógicas da abordagem crítico-superadora:

Reflexão Pedagógica	Característica
Diagnóstica	Remete à constatação e leitura dos dados da realidade. Esses dados carecem de interpretação, ou seja, de um julgamento sobre eles.
Judicativa	Julga a partir de uma ética que representa os interesses de determinada classe social.
Teleológica	Determina um alvo onde se quer chegar, busca uma direção.

Fonte: Soares et al. (2012, p.27).

Segundo o autor o projeto político-pedagógico deve representar possíveis intenções, estratégias. É político porque tem uma determinada direção e é pedagógico porque realiza reflexões sobre as ações do homens implicadas a sua realidade, o que logo explica suas determinações. (SOARES et al. 2012).

Sabendo a importância do momento político para a reflexão pedagógica, Rabelo (1999) relata:

Hoje o grande desafio é a elaboração de uma política educacional voltada para o estabelecimento de uma escola realmente inclusiva, acessível a todos, independentemente das diferenças que apresentem, dando-lhes as mesmas possibilidades da realização humana e social. (RABELO 1999, p.20)

Para isso, a educação inclusiva é caracterizada como uma política social que se refere a alunos com necessidades educacionais especiais. (VIEIRA et al. 2013).

2.3 Inclusão

Quando se fala em inclusão, o que se pretende é assegurar a justiça em seus direitos, que compreende toda e qualquer diversidade étnica, religiosa, afetiva, econômica, social e política. Seabra Jr. et al (2004). Dentro dessa mesma diversidade se encontram os PNEES, que lutam dia após dia para terem seus direitos assegurados.

Segundo o autor, é possível afirmar sobre inclusão:

Inclusão é uma palavra dos tempos modernos. Caminho sem volta nas relações sociais. Nasce dentro de um ideal neoliberalista, refletindo-se também, na organização das políticas públicas, inclusive a educacional. Sendo assim, interfere na forma e oferta de serviços de ensino. (SEABRA JR. et al 2004, p.1).

A Política Nacional de Educação Especial define quem são as PNEES que podem ser incluídas do ensino regular:

Genericamente chamadas de portadores de necessidades educacionais especiais, classificam-se em : portadores de deficiência (mental, visual, auditiva, física, múltipla), portadores de condutas típicas (problemas de conduta) e portadores de altas habilidades (superdotados). (BRASIL, 1994, p.13).

Há ainda referências a dificuldades de aprendizagem, déficit de atenção e hiperatividade, distúrbios e o autismo (BRASIL, 1994).

A inclusão de PNEES traz muitos benefícios. Cruz (2013) apud Santos (2007) apresenta um conjunto de vantagens proporcionadas pela inclusão tanto aos alunos com necessidades educativas especiais, como aos alunos sem necessidades educativas especiais. A autor ainda visualiza benfeitorias:

Quadro 02: Vantagens da inclusão

Alunos com necessidades educativas especiais	Alunos sem necessidades educativas especiais
- Reduz os efeitos da educação segregada, nomeadamente os efeitos negativos da categorização e atitudes negativas promovidas pela falta de convivência com crianças sem	- Possibilita às crianças sem deficiência desenvolverem óticas mais realistas e adequadas sobre os seus pares com deficiência;

<p>deficiência;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Possibilita às crianças observar e aprender novas competências através da imitação de modelos diferentes dos seus; - Faculta a convivência entre todas as crianças com idades similares abrindo assim as portas a interação espontânea facto que permite aumentar a competência social e comunicativa; - Proporciona às crianças com necessidades educativas especiais vivências reais que são uma ajuda fundamental para a vida em sociedade e mais tarde para a entrada no mundo do trabalho. 	<ul style="list-style-type: none"> - Cria oportunidade para que as crianças desenvolvam atitudes positivas face à presença dos colegas portadores de deficiência na escola e mais tarde na comunidade; - Promove a aprendizagem de comportamentos altruístas bem como e quando usar tais comportamentos; - Permite a compreensão de que, apesar das limitações dos pares com necessidades educativas especiais, estes conseguem ter sucesso em vários domínios. Fazendo com que o ambiente escolar e a vivência seja significativa para todos e dê possibilidades ao aluno PNEE e não limites.
---	---

Fonte: Cruz (2013, p.39) apud Santos (2007).

Concorda-se que a inclusão ensina a cada um de nós que todas as pessoas são membros importantes da sociedade e que independentemente das limitações devem fazer parte da mesma de forma concreta e visível. (CRUZ, 2013, p.39).

Deve-se compreender que a inclusão é um preparo para a vida em comunidade. É a oportunidade da convivência em sociedade para que se possa desmistificar rótulos que foram impostos as pessoas com transtorno do espectro autista. (VIEIRA et al. 2013).

2.4 Autismo

A Síndrome do Espectro Autista, tem uma história conturbada relacionada ao diagnóstico e suas especulações. Em 1943, o então psiquiatra austríaco Leo Kanner, utilizou o termo *Distúrbio Autístico Inato do Contato Afetivo* para definir pessoas que não falavam, não tinham troca de interações com o outro e que viviam em um mundo a parte. (DURANTE, 2012)

Todavia, Kanner (1943), com o passar de um tempo obteve outras conclusões referentes ao quadro clínico daqueles pacientes:

O vocabulário incrível das crianças que adquiriram a linguagem, a excelente memória para acontecimentos ocorridos há vários anos, a fenomenal capacidade de decorar poemas e nomes e lembrar-se precisamente de seqüências e esquemas complexos, testemunham uma boa inteligência no sentido comumente aceito deste termo. (KANNER, 1943, p. 247-248).

Apesar da presença da linguagem, ainda em 1943, Kanner percebe que os pacientes repetem sempre as mesmas palavras (ecolalia) e que elas somente fazem sentido se tiverem inseridas à um contexto. (DURANTE, 2012).

Kanner, (1943) questionou ainda se a relação dos pais com os filhos poderiam ser a causa do autismo. A conclusão que ele chegou é de que esses indivíduos não tem capacidade de ter um contato afetivo como as outras pessoas. (DURANTE, 2012).

Ruther, (1979), define o autismo como síndrome comportamental ocasionado por um quadro orgânico insatisfatório. Através de estudo perceberam que o quadro refletia diferentes graus de severidade e características muito específicas para que fosse um quadro singular, e então é visto como uma síndrome. (DURANTE, 2012).

Ainda em 1979, Wing e Gould descrevem dificuldades de convívio social, comunicação, ausência do pensamento abstrato e ações repetitivas. (DURANTE, 2012).

Nos dias atuais, o DSM IV, (APA, 1999) compreende o Transtorno Autista como Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD). Nessa categoria também estão: Transtorno Autista, Transtorno de Rett, Transtorno Desintegrativo da Infância, Transtorno de Asperger e Transtorno Global do Desenvolvimento sem Outra Especificação. (SCHWARTZMAN, et al. 2008)

O diagnóstico é feito sob muita cautela e leva anos para que um profissional possa afirmar com toda certeza que o quadro se trata do Espectro Autista. O autor ainda diz que o autista possui um comportamento habitual e restrito.

No Transtorno Autista há associação com graus variados de deficiência mental em 50 a 75% dos casos e neste quadro chamam a atenção a extrema dificuldade dos indivíduos em interagir com outras pessoas, a ausência ou grande comprometimento no uso da fala ou de modos alternativos de comunicação e interesses restritos, repetitivos e, em geral peculiares. Estes indivíduos demonstram excelente memória visual e grande habilidade em tarefas que exigem habilidades visuo-construtivas. (SCHWARTZMAN, et al. 2008, p.4).

A pessoa com (TEA) possui prejuízos em três grupos, chamados de tríade (socialização, linguagem e comportamento). (BOSA, 2002) Sobre a tríade Marinho (2009) afirma:

Na Área Social a pessoa tem dificuldade de relacionamento, pois não conseguem interagir para compreender as regras sociais. É possível destacar algumas características da pessoa autista relacionadas a essa área como: não se relacionar com contato visual, expressões faciais, relação com os pares, primar pela rotina, sendo que a criança autista pode tanto isolar-se como também interagir de forma estranha aos padrões habituais. (MARINHO et al. 2009, p.6089)

A Área de Comunicação e Linguagem, o autista tanto na linguagem verbal como na linguagem não verbal, apresenta uma forma deficiente e bem diferente dos padrões habituais, pois possuem uma linguagem repetitiva e estereotipada, não conseguindo iniciar e manter uma conversa. (MARINHO et al. 2009, p.6090)

A Área do Comportamento e Pensamento é a terceira área afetada, sendo que ela é caracterizada pela rigidez do comportamento e do pensamento, e também a precária imaginação. Destaca-se também o comportamento ritualista e muitas vezes obsessivo, a ausência dos jogos de faz de conta, pois não percebem o objeto inteiro, mas só uma parte, um detalhe, e não entendem para que serve o brinquedo, o atraso intelectual e a dependência de rotinas. Um dos grandes problemas que pais e educadores encontram é encontrar estratégias para remediar o atraso no desenvolvimento social do autista, que conseqüentemente trás prejuízos no relacionamento com outras pessoas e nas habilidades de comunicação. (MARINHO et al. 2009, p.6091)

O autismo, ainda não tem uma causa específica definida. Alguns estudos apontam discretamente conjuntos de situações que o autismo pode se desenvolver. Alguns estudos ainda aparecem à prevalência de outros transtornos adquiridos simultaneamente com o autismo, mas ainda não existe correlação entre as síndromes. (SCHWARTZMAN, et al. 2008)

Atualmente, alguns sintomas do (TEA) podem ser amenizados. Sobre isso Júnior (2000) relata:

O tratamento é complexo, centrando-se em uma abordagem medicamentosa destinada a redução de sintomas-alvo, representados principalmente por agitação, agressividade e irritabilidade, que impedem o encaminhamento dos pacientes a pro-gramas de estimulação e educacionais .Considera-se assim o uso de neurolépticos como vinculado, eminentemente, a pro-blemas comportamentais. (JÚNIOR, 2000, p.38)

Atualmente a atribuição de competências para PNEES no âmbito legislativo no uso da atribuição que confere o art. 84, caput, inciso IV, da Constituição, tem em vista o disposto na Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, decreta:

Art. 1º A pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais. Parágrafo único. Aplicam-se às pessoas com transtorno do espectro autista os direitos e obrigações previstos na Convenção Internacional sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, promulgados pelo Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009, e na legislação pertinente às pessoas com deficiência. (BRASIL, 2014, p.1)

Existem muitas controvérsias no âmbito legislativo referente ao autismo. A mídia possivelmente é um meio condutor desse processo, pois acaba influenciando muitas situações e desencadeiam reações adversas relativas ao autismo.

Ainda é possível dizer que uma das consequências relativa ao conhecimento conturbado dos professores é a mídia. Ocorre um desdobramento de ideias e conceitos que não condizem com a realidade do autismo. A mídia ainda, está influenciando as expectativas do professor sobre o desempenho de seus alunos, o que afeta diretamente sua ação eficaz (CAMARGO; BOSA, 2009).

3 METODOLOGIA

Compete a este estudo uma abordagem qualitativa. Que para Günter (2006, p.202) pode se diferenciar em cinco tópicos: a) características gerais; b) coleta de dados; c) objeto de estudo; d) interpretação dos resultados; e) generalização. O autor ainda explica do que se trata a abordagem qualitativa:

(...) a primazia da compreensão como princípio do conhecimento, que prefere estudar relações complexas ao invés de explicá-las por meio do isolamento de variáveis. Uma segunda característica geral é a construção da realidade. A pesquisa é percebida como um ato subjetivo de construção. Os autores afirmam que a descoberta e a construção de teorias são objetos de estudo desta abordagem. Um quarto aspecto geral da pesquisa qualitativa, conforme estes autores, é que apesar da crescente importância de material visual, a pesquisa qualitativa é uma ciência baseada em textos, ou seja, a coleta de dados produz textos que nas diferentes técnicas analíticas são interpretados hermeneuticamente. (GÜNTHER, 2006, p.202 apud FLICK e cols. 2000)

Nessa perspectiva foi desenvolvida em uma escola municipal, Sul de Minas Gerais. Os sujeitos envolvidos na pesquisa foram uma classe de terceiro ano do Ensino Fundamental I, com aproximadamente dezenove alunos regulares e um aluno diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista. A classe foi pontualmente escolhida por conter um aluno Autista. Acredita-se que as vivências e resultados tiveram mais significado para os mesmos.

A intervenção foi realizada no quarto bimestre, o que indica que os alunos conviveram exatamente há três bimestres com o colega autista.

A abordagem crítico-superadora foi escolhida para fundamentar a intervenção por conseguir através da ação pedagógica, expressar a construção, o desenvolvimento do conhecimento e aprendizagem e ainda permitir que o aluno possa refletir e intervir na sua realidade social. Segundo Oliveira (2013):

Tal ação pedagógica tem, no conhecimento sobre a realidade, manifesta pelo aluno, o seu ponto de partida. Como seu horizonte de trabalho pedagógico, tem o de qualificar o conhecimento do aluno sobre aquela mesma realidade – no sentido de dotá-lo de maior complexidade – de tal forma que ela, a realidade, é a mesma ... e é diferente!” (OLIVEIRA, 2013, p.25).

As aulas serão ministradas em uma Escola Municipal, no turno vespertino, durante as aulas de Educação Física. A intervenção durou nove semanas, levando

em conta que a escola tem apenas uma aula de Educação Física semanal, o que totalizou dois meses de intervenção. Os alunos receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que foi encaminhado para os pais ou responsáveis para que o aluno pudesse participar da intervenção. Foi utilizado um questionário diagnóstico para identificar o conhecimento prévio do aluno acerca do tema. Atividades práticas (jogos e brincadeiras), arquivos multimídias (vídeos) e trabalhos manuais (desenhos e escrita) foram utilizados para instrumentalizar o processo. A avaliação de apropriação do conhecimento pelos alunos foi realizada em duas partes: a montagem de um quebra cabeça que foi confeccionado com os desenhos das mãos dos alunos e frases pontuais que eles escreveram durante o processo e a segunda parte que foi a aplicação de um questionário.

O quadro três trás de forma sucinta como as aulas foram divididas de acordo com a abordagem crítico-superadora e o objetivo principal de cada aula.

Quadro 3: Organização das aulas

AULA	REFLEXÃO PEDAGÓGICA	OBJETIVOS	INSTRUMENTOS
1	Diagnóstica	Avaliar o conhecimento prévio sobre a temática	Questionário
2	Judicativa	Vivência e aprendizagem sobre as deficiências	Brincadeira e esporte
3	Judicativa	Explicar o que é o Autismo	Trabalho escrito e Brincadeira
4	Judicativa	Como é a rotina do Autista	Apresentação de vídeo, trabalho escrito ou desenho
5	Judicativa	Elaboração do pensamento concreto e abstrato. Linguagem e comunicação	Brincadeiras
6	Judicativa	Conhecer os hábitos diários de uma criança autista	Apresentação de vídeo e trabalho escrito
7	Judicativa	Comportamento e convívio com crianças autistas	Desenho e apresentação de vídeos

8	Teleológica	Símbolos do Autismo Avaliação	Montagem quebra-cabeça
9	Teleológica	Aplicação de questionário Avaliação	Questionário

4 Resultado e Discussão

Seguindo a abordagem critico-superadora, a aula um é destinada a reflexão pedagógica *diagnóstica* para a aplicação do questionário.

O questionário é composto por seis questões nas quais os alunos deveriam descrever sua resposta. Não havia nenhuma resposta com alternativa. A questão número sete poderia ser descrita ou desenhada.

As respostas do questionário foram:

Quadro 4: Questionário diagnóstico - 1

1-O que é deficiência?

- (9) Não sei
- (5) Doença
- (1) É que a mãe passou nervo¹
- (1) É uma pessoa que não consegue andar
- (1) Palavra não identificada²

Observação: Entre parênteses a quantidade de alunos que tiveram incidência de resposta

¹ O aluno que respondeu “É que a mãe passou nervo”, tem um irmão deficiente físico. Foi relatado pelo aluno que essa é a explicação da mãe sobre as condições físicas do filho.

² O aluno que teve a “Palavra não identificada”, escondia a folha para que ninguém pudesse ver o que estava escrevendo, apresentou dificuldade para escrever, mostrando um total incomodo com a questão. Ele escreveu uma palavra sobre outra utilizando de muita força no lápis de escrever. A mãe do aluno é deficiente física (amputação de membro – braço).

Quadro 5: Questionário diagnóstico - 2

2-O que é autismo?

- (11) Não sei
- (4) Doença
- (2) Batizado¹

¹ Após a identificação da resposta, os dois alunos foram argumentados sobre o que tinham escrito. Os alunos mostraram ter relacionado à religião, no caso a palavra altíssimo

Quadro 6: Questionário diagnóstico - 3

3-Autismo é uma doença? Se sim, como ela é?

- (10) Não sei
- (7) É uma doença

Quadro 7: Questionário diagnóstico - 4

4-Você conhece alguma pessoa que tenha autismo? Ele (a) é seu amigo?

- (6) Não sei
- (3) Não
- (2) Sim
- (1) Não conheço
- (1) Tem alguém que é meu amiguinho
- (1) Eu conheço, não é minha amiga
- (1) Sim, minha amiga
- (1) Meu irmão¹
- (1) Doença²

¹ Aluno que apresenta irmão deficiente físico respondeu “ Meu irmão”.

² Aluno que apresenta mãe com deficiência física respondeu “Doença”.

Quadro 8: Questionário diagnóstico - 5

5-Quais as características do comportamento de alguém que tenha Autismo?

- (13) Não sei
- (1) Não
- (1) Meu vovô
- (1) Louca¹
- (1) É seu amigo

¹ Aluno que apresenta irmão deficiente físico respondeu “Louca”. O aluno respondeu tomando por referencias as condições que vê seu irmão.

Quadro 9: Questionário diagnóstico - 6

6-O que uma pessoa com Autismo é capaz?

- (10) Não sei
- (2) Fazer tudo
- (2) Não responderam
- (1) Não
- (1) Dirigir carros
- (1) Doente e louca¹

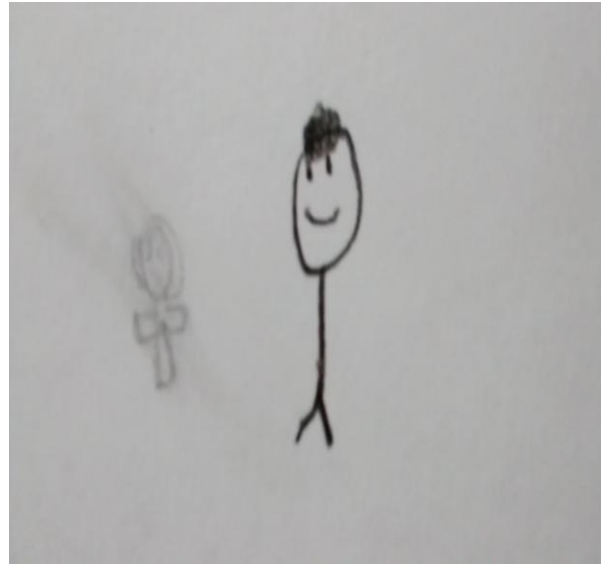
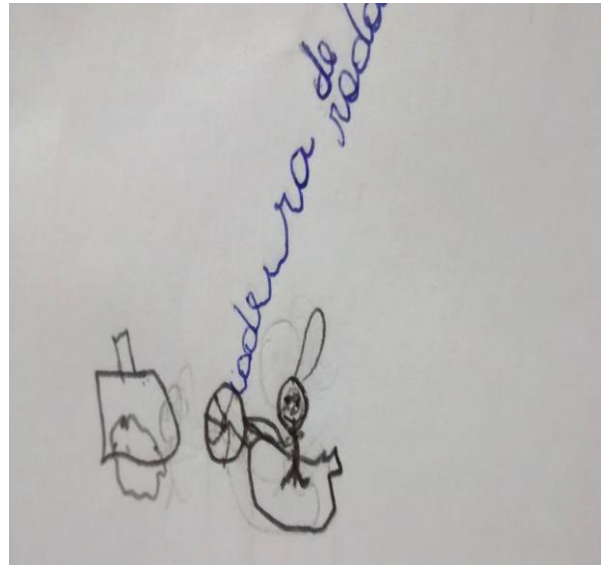
¹ Aluno que apresenta irmão deficiente físico respondeu “Doente e louca”.

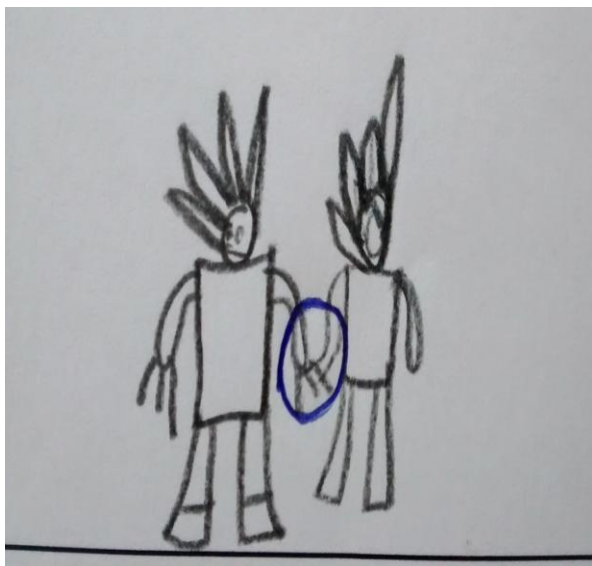
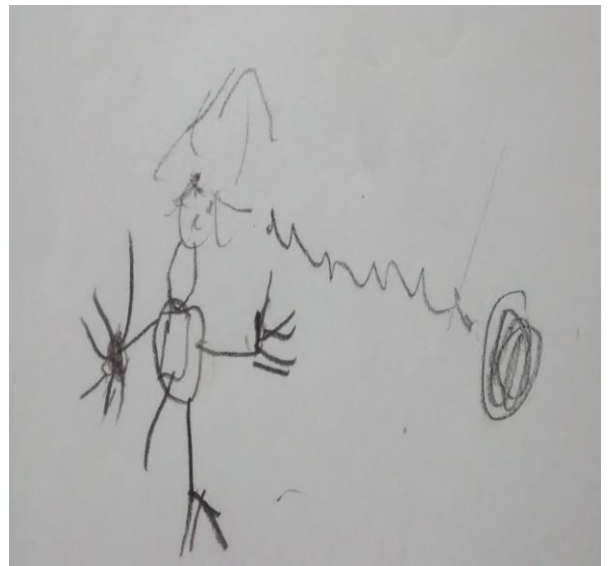
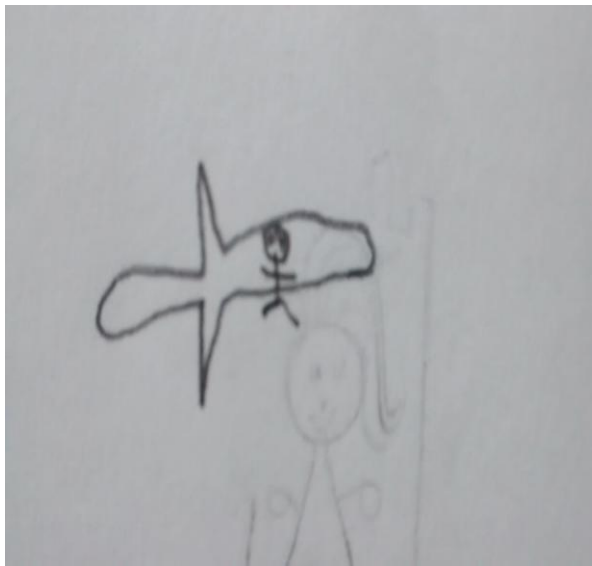
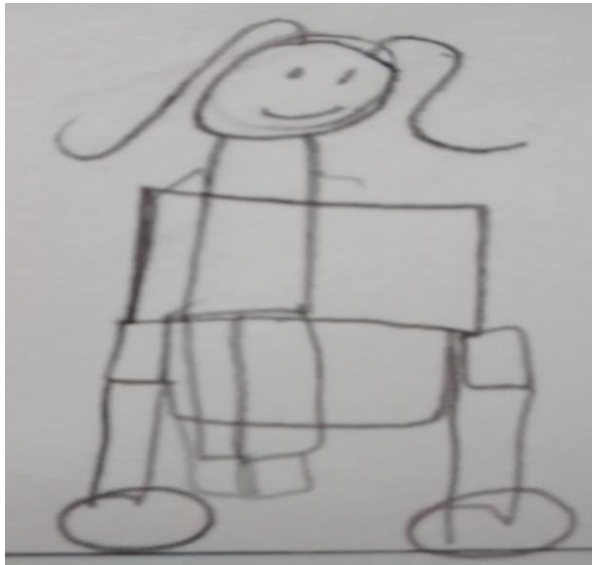
Quadro 10: Questionário diagnóstico - 7 - Desenhos

7-Como você imagina uma pessoa autista fisicamente? Desenhe se preferir!

- (2) Não consigo imaginar
- (2) Em branco
- (1) Não sei

Doze alunos preferiram desenhar:





A interpretação dos dados reais contidos na *diagnóstica* permite um julgamento. Soares, et al. (2012).

Nota-se que os alunos não sabem do que se trata. É possível compreender que se faz uso da associação de deficiência com doença em muitas respostas. Contudo não existe na literatura nada que confirme a relação ou que explique a assimilação dos termos.

Os alunos ainda apresentaram dificuldade em responder as questões e diziam que nunca tinha ouvido a palavra “Autismo”. Alguns alunos também relacionaram “Autismo” à doença. Sobre a assimilação com doença, em uma primeira leitura acreditou-se que a pergunta de número dois pudesse ter de fato induzido a essa relação. A hipótese não está totalmente descartada, mas pode ser observado também que alguns alunos já tinham relacionado “Autismo” à doença na pergunta anterior, número dois.

Alunos que possuem familiares com algum tipo de deficiência associaram o autismo como se fosse uma deficiência também, mesmo deixando claro nas outras perguntas que não sabiam o que eram. Acredita-se que a primeira pergunta do questionário referida à deficiência possa ter influenciado os alunos a fazerem essa relação.

É importante frisar que os alunos não sabem as características do comportamento de uma criança que tenha “autismo”, mesmo convivendo com um colega diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista de segunda a sexta feira durante três bimestres dentro da sala de aula.

As respostas estão dentro do que já era esperado por mim, e seguem uma lógica de dedução do significado da palavra.

A partir dos desenhos é possível observar que os mesmos apresentam caracterização de deficiência física (ausência de membros), a utilização de equipamentos auxiliares como andador e cadeira de rodas. Aparecem ainda desenhos que relatam a impossibilidade de pegar objetos (no desenho representado por uma bola) e alguns desenhos ainda estabelecem relação de dependência com outra pessoa. Pode-se observar ainda a imaturidade dos desenhos.

Fica claro, a partir desse questionário, que os alunos regulares não receberam nenhuma informação sobre o colega “autista”. A partir dos dados coletados na *diagnóstica*, deixa exposta a necessidade de adicionar os alunos regulares como parte importante em um processo de inclusão.

A aula dois (2) dá início a reflexão pedagógica *judicativa*.

Em uma roda de conversa foi explicado para os alunos o que é deficiência e quais são os tipos de deficiência. O intuito das atividades é que eles vivenciassem de forma aproximada como era cada deficiência na prática e pudessem utilizar desse conhecimento para romper com a ideia do autismo relacionado à deficiência.

Quadro 11: Aula 2

Aula 02	
Deficiência Visual: Passeio de trem pela escola	Todos vendados passearam pela escola.
Deficiência Intelectual: Esporte. Basquete adaptado.	Para acertarem a cesta deveriam dar cinco giros e então arremessar.
Deficiência Auditiva: Brincadeira. Imagine a palavra.	Todos os alunos tapavam o ouvido com as mãos. Um aluno por vez assumia a frente e pronunciavam a palavra sem emissão da voz. Os demais deviam acertar fazendo leitura labial.
Deficiência Física: Esporte. Futebol Adaptado	Existiam elásticos para que a movimentação fosse dificultada (elásticos na perna, coxa e braços). Cada aluno recebia aleatoriamente uma dificuldade.

Foi entregue aos alunos, uma folha com atividades para serem feitas em casa a fim de encerrar e avaliar o conteúdo.

O objetivo dessa aula eram fazer com que os alunos vivenciassem algumas deficiências de forma aproximada e esclarecer do que se tratava cada deficiência. Assim como dar condições para que percebessem que não foi falado em momento algum da aula sobre autismo, mostrando a inexistência de relação entre os dois temas.

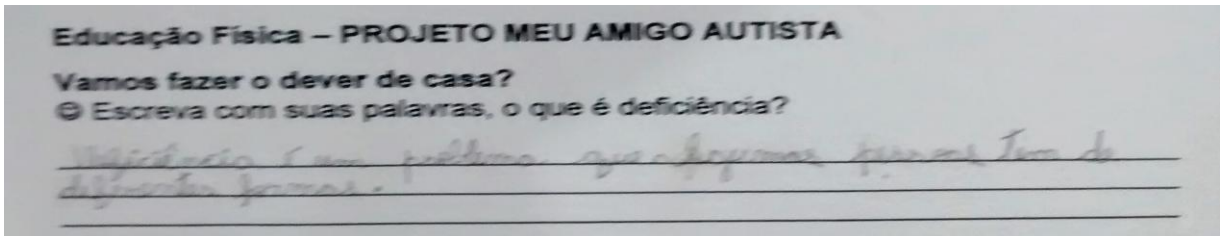
A maioria dos alunos sentiram-se motivados e se divertiram durante a vivência. Um aluno em especial, que a mãe é deficiente física, o que já foi relatado na descrição da tabela, se sentiu altamente incomodado com aula. O aluno reclamava o tempo todo, saía e voltava com muita frequência das atividades e demonstrou agressividade.

A partir de agora, na reflexão pedagógica *judicativa* será apresentado resultados definidos por sorteio de uma menina e um menino. O sorteio foi feito

através de papéis no qual foi escrito o nome dos alunos. Logo após serem dobrados foram misturados e retirou-se então dois papéis que constavam o aluno que iria ter seu resultado exibido. Esse processo será feito devido ao montante de registros. Será resguardando apenas as informações de todos os alunos na reflexão pedagógica *diagnóstica e teleológica*.

Na aula 03, antes dos alunos entregarem a folha, foi feita a explicação a fim de solucionar dúvidas e ouvir quem ajudou fazer e se os familiares sabiam algo sobre o tema. Conversamos também rapidamente, sobre a dificuldade de encontrar imagens de pessoas que possuem alguma deficiência nos materiais didáticos, assim como PNEES não são vistos com muita frequência na mídia. A seguir imagens do dever de casa, relativo a aula de Deficiências:

Figura 1: Dever de casa - escrita - 1

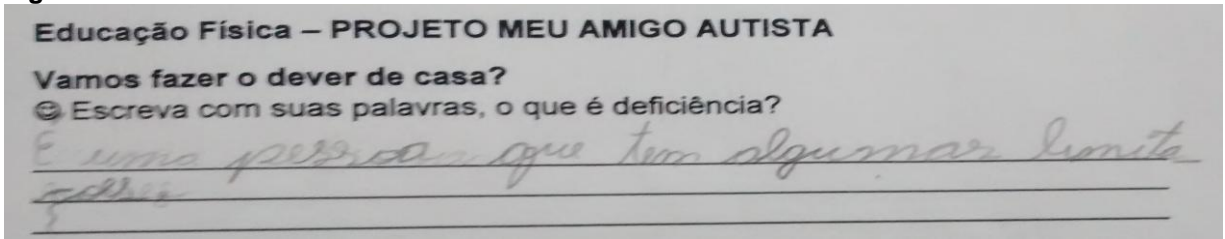


Descrição: "Deficiência é um problema que algumas pessoas tem de diferentes formas."

Figura 2: Dever de casa - colagem - 1



Figura 3: Dever de casa - escrita - 2



Descrição: É uma pessoa que tem algumas limitações.

Figura 4: Dever de casa - colagem - 2



Quadro 12: Aula 3

Aula 03	
Explicação oral sobre o que é Autismo. Brincadeira.	<p>A atividade funciona de forma aproximada ao “pega –pega”. Consiste em defender sua bexiga que esta amarrada com um barbante na perna e estourar a bexiga do colega para conseguir bilhetes que estão dentro das bexigas.</p> <p>Após muita correria e diversão, com todas as bexigas estouradas, os alunos sentaram e começamos a ler os bilhetes na ordem numerada. Cada bilhete continha um passo do livro “Dez coisas que todo autista gostaria que você soubesse”, por Ellen Notbohm. Sempre que terminava a leitura do bilhete fazíamos uma discussão.</p>

Em uma roda de conversa foi explicado aos alunos de forma simples o que é o autismo, como é o comportamento dessas crianças e foi respondido algumas duvidas sobre a explicação.

É importante lembrar que desde o início pediu-se a eles que imaginassem um amigo autista “invisível”, acreditando que a assimilação do conhecimento ficasse mais fácil. Sendo assim as falas sempre foram relacionadas à crianças autistas.

“As dez coisas que todo autista gostaria que você soubesse” deu início ao processo, para que desde o primeiro momento os alunos entendessem a real intenção das aulas, aprender sobre um amigo autista.

Quadro 13: Aula 4

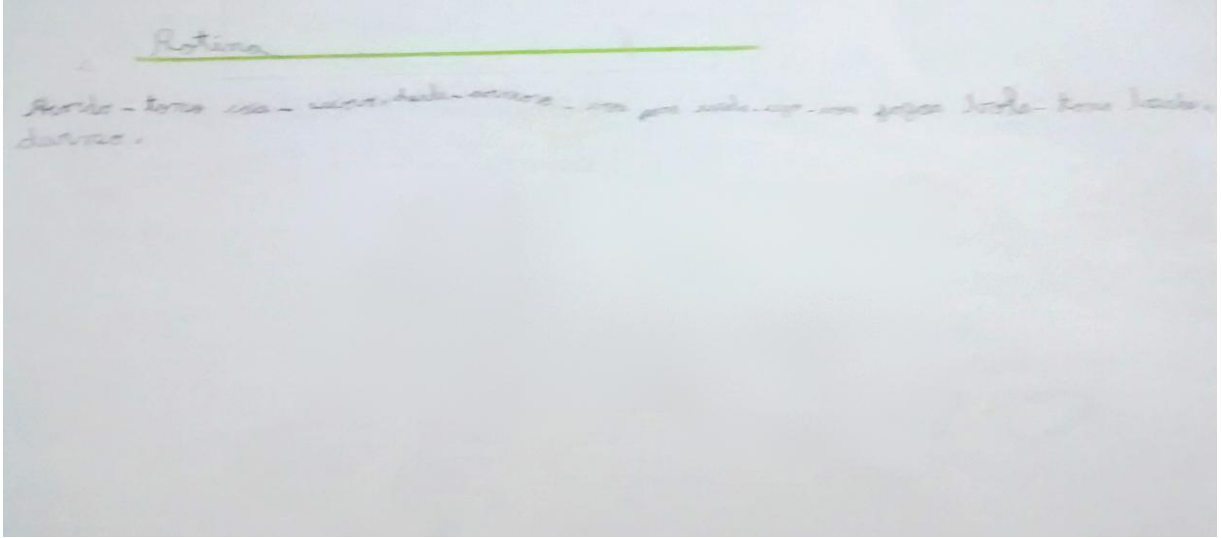
Aula 04	
<p>Os alunos assistiram dois vídeos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conscientização do Autismo – Turma da Mônica - Episódio de Caiu sobre Autismo. <p>Projeção de uma imagem sobre a rotina de uma criança.</p>	<p>Ao final de cada vídeo os alunos recontavam a história de acordo com sua percepção.</p> <p>Foi explicado a eles a dificuldade que o Autista tem na “quebra” de rotina.</p> <p>Desenho ou escrita da sua própria rotina.</p>

Figura 5: Confeção de rotina - 1



Descrição da imagem: Acordo. Vou para o Cecon (Centro de Convivência). Tomo café. Vou para casa. Vou para a escola. Chego da escola. Brinco. Janto. Vejo televisão e vou dormir.

Figura 6: Confeção de rotina - 2



Descrição da imagem: Acordo. Tomo banho. Escovo os dentes. Almoço. Vou para a escola. Chego, vou jogar bola. Tomo banho e durmo.

Na confecção da rotina, alguns alunos escreveram e outros desenharam. A sala não estava totalmente alfabetizada e tinham muita dificuldade para escrever. Com esse diagnóstico esses alunos que não escreviam, desenharam durante o processo.

Assim que todos terminaram de fazer a sua rotina, foi perguntado a eles se a rotina deles é exatamente igual todos os dias. Os alunos responderam que não, surgindo então a oportunidade de explicar a eles a relação do “autista” com a rotina. Segundo a Cartilha: do Transtorno do Espectro do Autismo (2015):

“Adesão exagerada a rotinas - essa manifestação está relacionada à inflexibilidade, uma característica bastante comum nos autistas, que têm dificuldade de encontrar formas variadas para lidar com as situações da vida. É comum os pacientes ficarem nervosos quando ocorrem mudanças ou imprevistos.” (CARTILHA: TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO, 2015, p.16)

Ainda Cartilha: do Transtorno do Espectro do Autismo (2015, p.21), estimular habilidades de enfrentamento de mudança de rotinas. As rotinas dão conforto à criança autista, mas é importante, aos poucos, estimular nela a flexibilidade.

Quadro 14: Aula 5

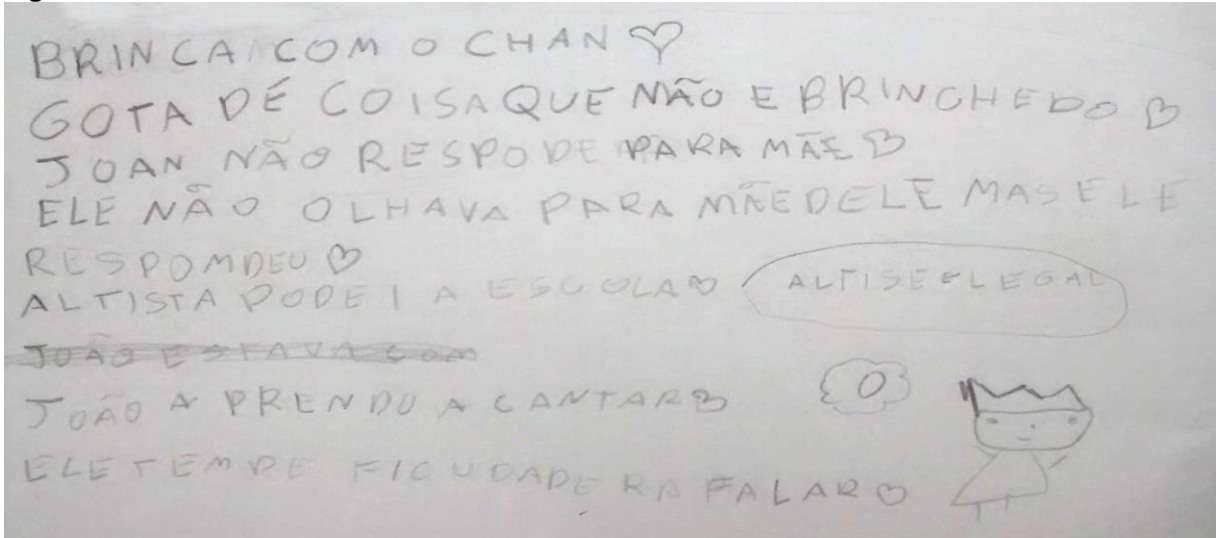
Aula 05	
Entendimento sobre as metáforas de linguagem e pensamento concreto. Brincadeira. Queimada.	Em sala de aula foi feito a leitura de algumas frases e o seu sentido real. A atividade consistia em uma queimada. Quando alguém era queimado, tinha a oportunidade de ser salvo caso acertasse o sentido real da frase. Ao final da atividade, sentamos em uma roda de conversa e discutimos algumas frases que possivelmente uma pessoa autista não conseguiria entender e que na sua presença devemos evita-las.
Linguagem e Comunicação. Brincadeira. Mímica	Fizeram gestos de atividades do dia e expressaram lugares que queriam ir. Ao final da aula, conversamos sobre a dificuldade que o autista tem em se comunicar e muitas vezes eles utilizam da comunicação não verbal como linguagem.

Sobre as figuras de linguagem, optou-se em ler as frases na sala de aula, explicando o que significava cada uma. As frases foram: Maria tem uma pele de pêssego. Ivan é uma pamonha. Rafael pula igual pipoca. Seus olhos são dois oceanos. João ficou bravo como um leão. Derramei rios de lágrimas por você. Passou um furacão nessa casa. Esta noite esta muito triste.

Quadro 15: Aula 6

Aula 06	
Apresentação do Vídeo: - João Victor Autista e suas evoluções em 2013. - Autismo João Victor e suas superações 2015.	Durante a apresentação do vídeo, os alunos escreviam em sua folha palavras e frases que relatavam acontecimentos que chamaram sua atenção.

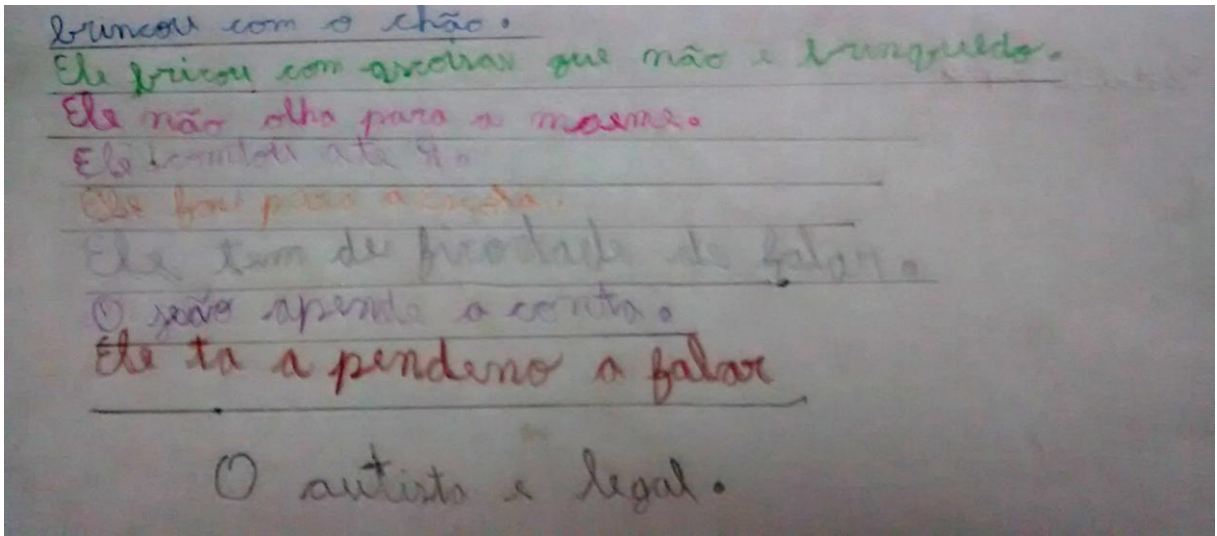
Figura 7: Escrita relativa a entendimento do vídeo. Aula 5 - 1



Descrição da imagem: Brinca com o chão. Gosta de coisas que não é brinquedo. João não responde para a mãe. Ele não olhava para a mãe dele mas ele respondeu. Autista pode ir a escola. João aprendeu a cantar. Ele tem dificuldade de falar. Autista é legal.

¹ João é nome do menino presente no vídeo apresentado.

Figura 8: Escrita relativa a entendimento do vídeo. Aula 5 - 2

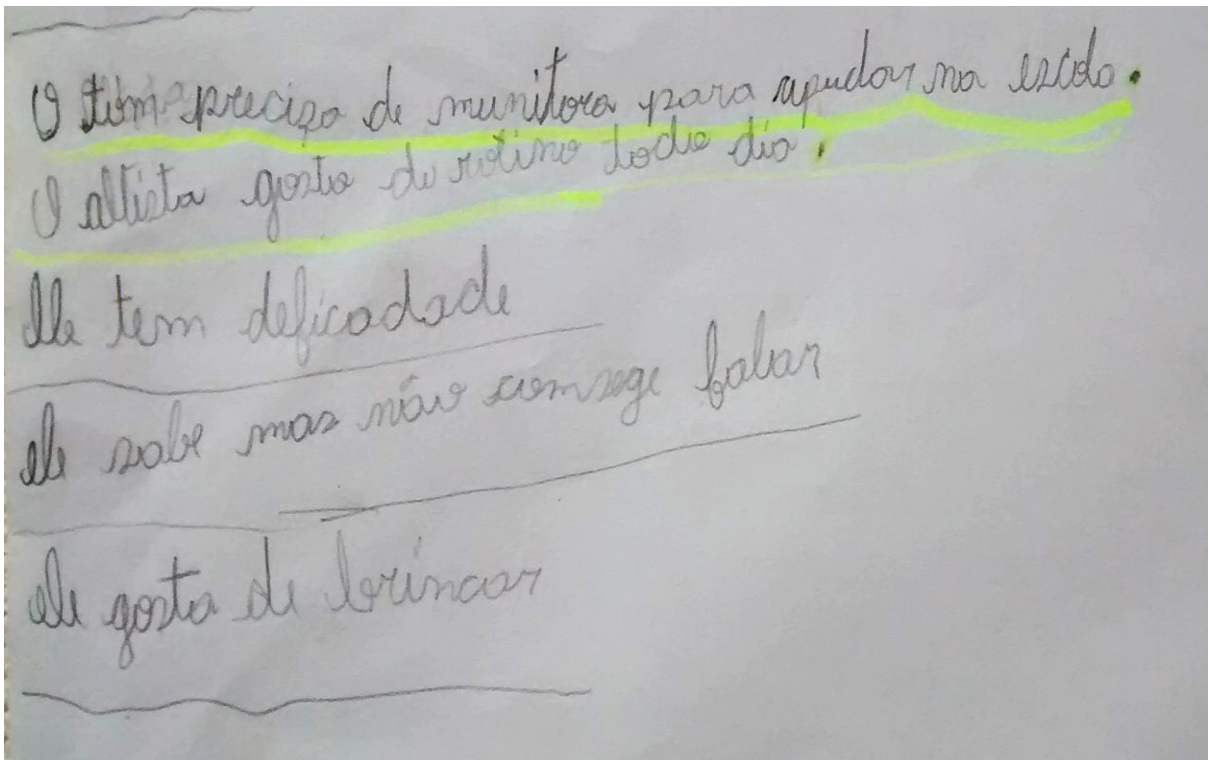


Descrição da imagem: Brinca com o chão. Ele brincou com coisas que não é brinquedo. Ele não olha para a mamãe. Ele contou até nove. Ele foi para a escola. Ele tem dificuldade de falar. O João aprende a contar. Ele está aprendendo a falar. O autista é legal.

Quadro 16: Aula 7

Aula 07	
Desenho.	Cada aluno em uma folha desenhou sua mão e coloriu.
Apresentação dos vídeos: - Autismo Comportamento. - Crianças contam como é conviver com amigo autista na escola.	Durante a apresentação do vídeo, os alunos escreviam em sua folha palavras e frases que relatavam acontecimentos que chamaram sua atenção.

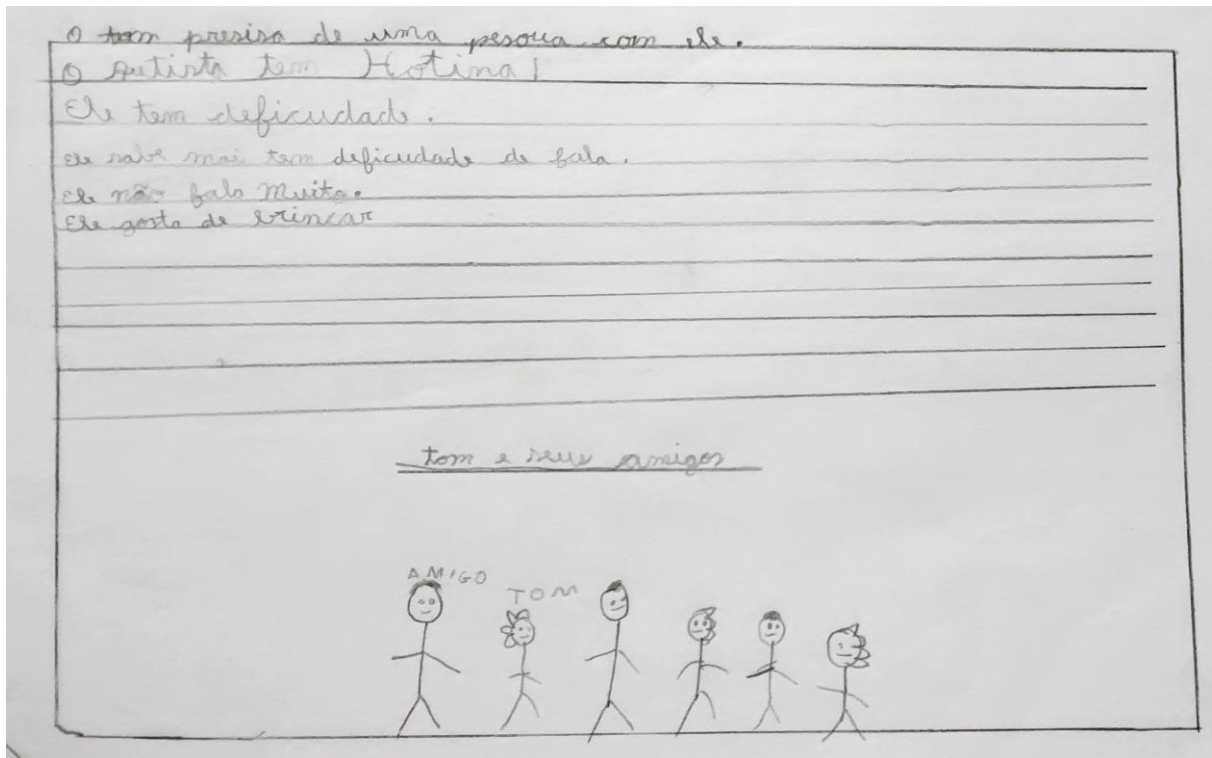
Figura 9: Escrita relativa a entendimento do vídeo. Aula 7 - 1



Descrição da imagem: O Tom precisa de monitora para ajudar ele na escola. O autista gosta de rotina todo dia. Ele tem dificuldade. Ele sabe mas não consegue falar. Ele gosta de brincar.

¹ Tom é nome do menino presente no vídeo apresentado.

Figura 10: Escrita relativa a entendimento do vídeo. Aula 7 - 2



Descrição da imagem: O Tom precisa de uma pessoa com ele. O autista tem rotina. Ele tem dificuldade. Ele sabe mas tem dificuldade de fala. Ele não fala muito. Ele gosta de brincar. Tom e seus amigos. Amigo, Tom.

A partir de agora encerra-se a reflexão pedagógica *judicativa* e dá-se início a reflexão pedagógica *teleológica*.

Quadro 17: Aula 8

Aula 08	
Montagem de quebra cabeça.	Divididos em dois grupos, montaram um quebra cabeça cada grupo.

O quebra cabeça foi construído em casa, pelo responsável da intervenção, devido a escassez de tempo para que os alunos participassem da construção do mesmo.

O quebra cabeça, foi construído a partir do desenho das mãos de cada aluno e dentro de cada mão foi inserida frases significativas que os alunos escreveram durante o processo.

A atividade ainda teve o propósito de instrumentalizar os símbolos do Autismo. Sobre a escolha da cor azul para parte do fundo do quebra cabeça:

O azul representa a incidência maior no sexo masculino, pois o TEA acomete mais as crianças do sexo masculino, ocorrendo na proporção de 4 (quatro) meninos para 1 (uma) menina. Pelo mundo, no dia 2 de abril, alguns monumentos são iluminados de azul numa demonstração de apoio à conscientização do TEA. Nessa data, autistas, pais, familiares, amigos e profissionais ligados à causa costumam se vestir de azul. (CARTILHA DE TRASTORNO DO AUTISTA, 2015, p.9)

O significado do quebra cabeça para a Cartilha do Transtorno do Espectro do Autista (2015, p.9): As peças de quebra cabeça representam a complexidade e o mistério do Transtorno.

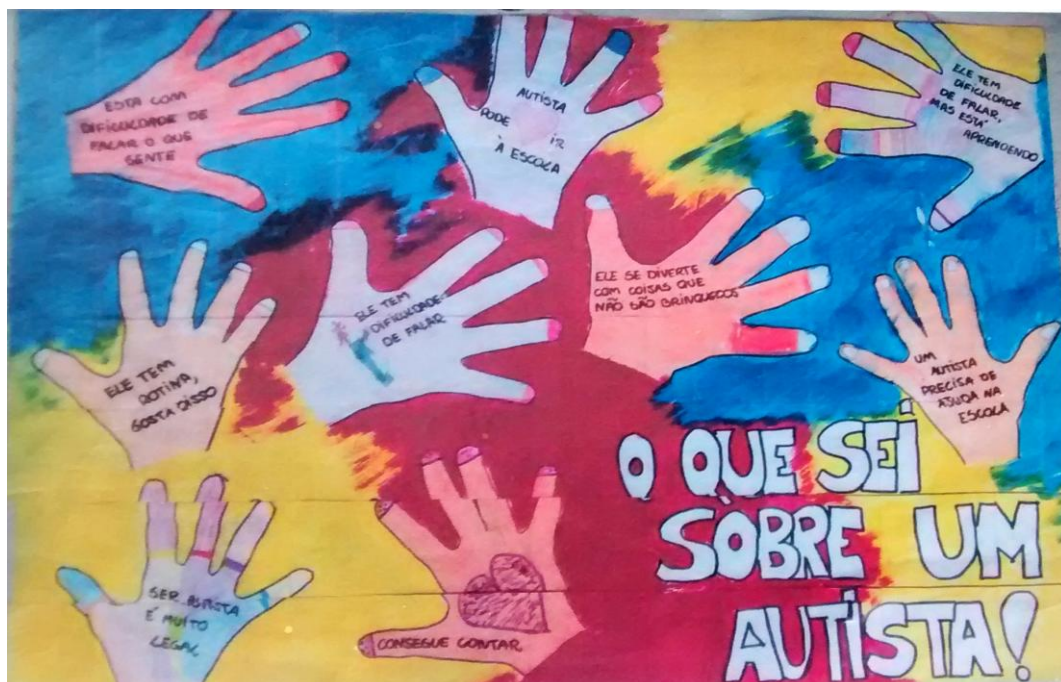
Em relação ao colorido:

O colorido utilizado nas peças de quebra cabeça representa a diversidade. Existe uma diversidade de pessoas (atinge pessoas de todas as raças, religiões, classes sociais) que convivem com o TEA. (CARTILHA DE TRASTORNO DO AUTISTA, 2015, p.10)

A escolha por cores sempre vibrantes mostra que também têm seu significado e sobre isso:

As cores vibrantes representam a esperança. A esperança no êxito dos tratamentos, no desenvolvimento de habilidades, e também a esperança de uma sociedade mais consciente, mais inclusiva, mais compreensiva diante do TEA. (CARTILHA DE TRASTORNO DO AUTISTA, 2015 p.10)

Figura 11: Montagem de quebra-cabeça – 1



Na frase escrita por alguns alunos relativo a escolarização e aprendizagem: “Ele foi para a escola”, “Consegue aprender”, “Consegue contar”, “Autista pode ir a escola”, “Um autista precisa de ajuda na escola”. As falas dos alunos expressam a frequência na escola regular. Sobre a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na escola regular:

(...) destaca-se que é possível a inclusão no ensino regular, mas que isto requer adaptações que envolvem, desde a flexibilização de procedimentos relativos às várias dimensões do ambiente escolar, até mudanças direcionadas às ações pedagógicas e procedimentos de sala de aula. Para tanto, o caminho indicado é uma rede de apoio intedisciplinar que se proponha a trabalhar em conjunto com a escola e com os professores, bem como um atendimento terapêutico para a criança. (LAGO, 2007, p.40)

Foram escolhidas ainda algumas frases que dessem visibilidade a uma referência de fraternidade, um novo olhar de carinho a diferença do outro.

Quadro 18: Questionário teleológico – 1

Aula 09

1- Como você reconhece um autista?

- (11) Ele brinca com coisas que não são brinquedos
 - (10) O Autista não fala muito – Tem dificuldade de falar
 - (5) O Autista gosta de rotina - Ele gosta de fazer tudo igual
 - (5) Ele gosta de ficar sozinho
 - (4) Ele não gosta de lugar que têm muitas pessoas
 - (3) Ele gosta de brincar de arrumar as coisas
 - (3) O Autista não gosta de barulho
 - (2) Ele tem dificuldade de olhar no olho das pessoas
 - (1) Ele brinca com potinhos
 - (1) Ele puxa a gente quando quer água
 - (1) Ele precisa de uma monitora na escola
 - (1) Ele repete a mesma palavra muitas vezes
 - (1) Ele tem muitas dificuldades
-

Quadro 19: Questionário teleológico - 2

2- De acordo com as características que você descreveu acima, você conhece alguém que tenha autismo?

- (12) Sim, KM¹.
- (2) Não
- (1) Amigo de outra cidade
- (1) Às vezes, o KM

¹ O aluno representado pela sigla "KM" é o aluno diagnosticado com Transtorno do Espectro Autismo. É colega de classe dos alunos presentes na intervenção.

Em nenhum momento da intervenção foi dito o nome do aluno KM relacionado a qualquer questão, até mesmo por não querer que ele assumisse o protagonismo do trabalho. O objetivo foi possibilitar o conhecimento para todos os alunos a cerca do tema. Esperava-se desde o início, que no final da intervenção os alunos conseguissem assimilar o atual conhecimento com algumas atitudes do colega. Alguns alunos indagaram durante a descoberta porque ninguém nunca havia falado o que o colega KM tinha! Sempre acharam que ele era mal educado, "burro" e louco. Essa fala evidencia a necessidade de oportunizar o conhecimento para os alunos regulares em um processo de inclusão.

Os alunos foram devidamente orientados no momento da descoberta que utilizassem de seu conhecimento a favor da vivência. Saber quem é o seu colega e compreender suas atitudes, bem como, poder ajuda-lo no processo de aprendizagem, socialização e linguagem.

Quadro 20: Questionário teleológico - 3

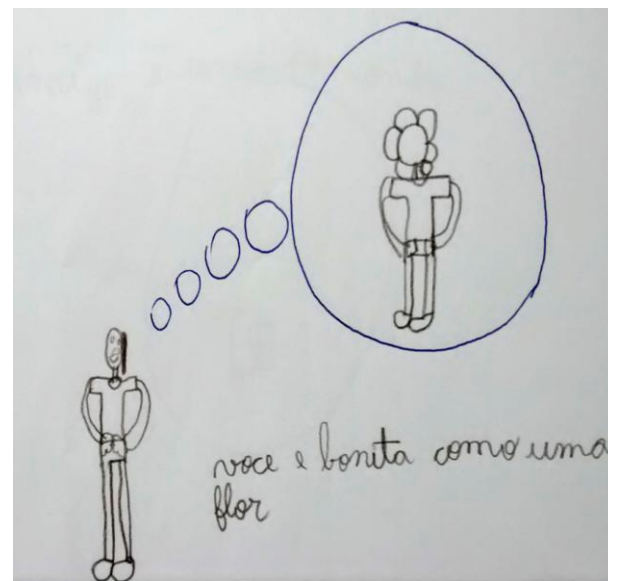
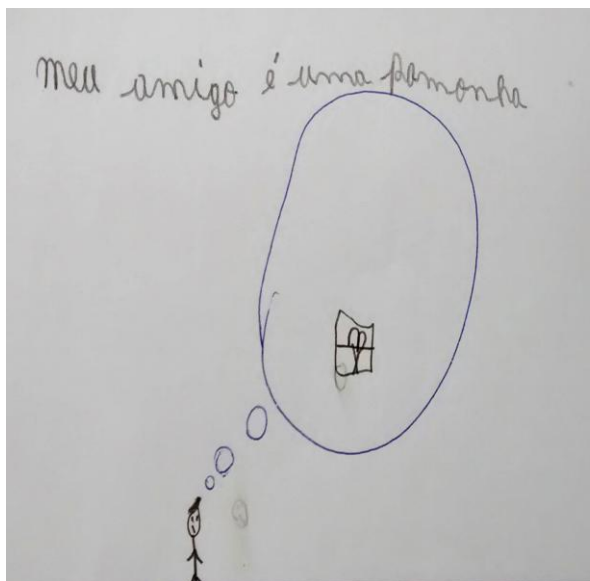
3- Você acha que um “autista” pode levar uma vida normal? O que ele pode fazer?

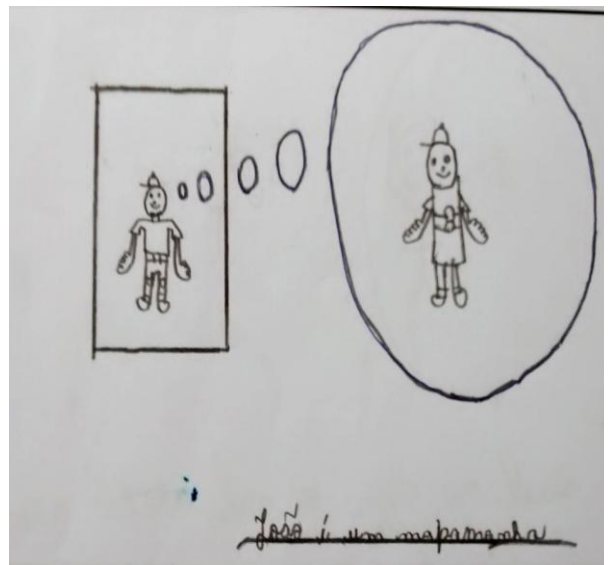
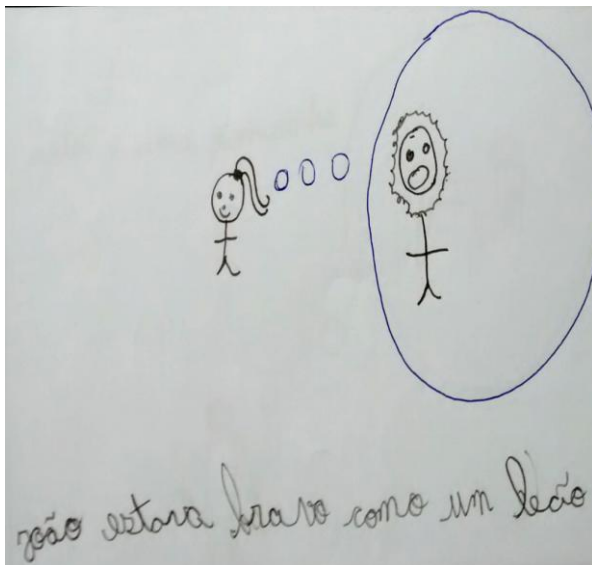
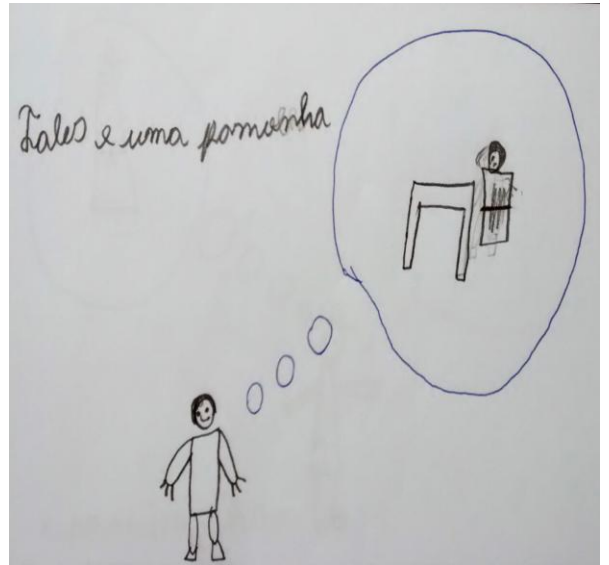
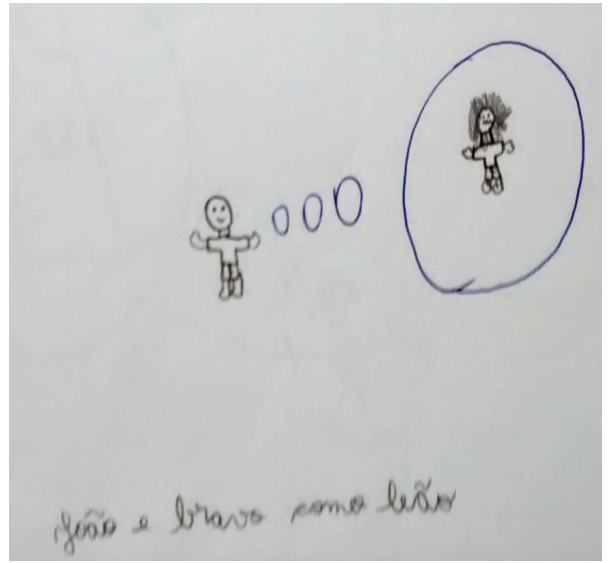
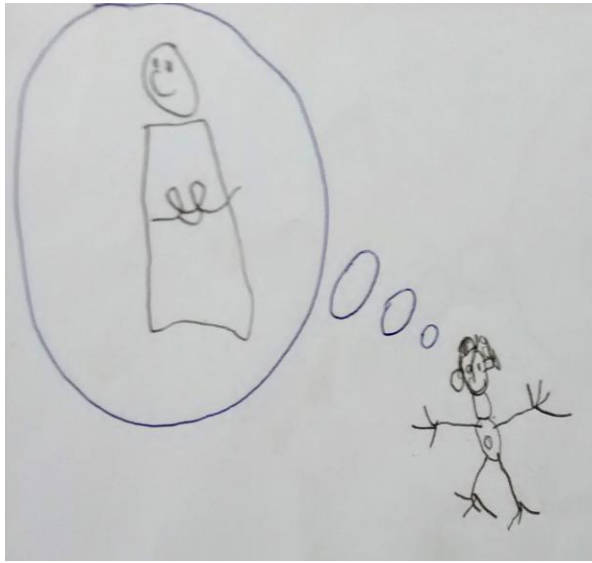
- (9) Sim
- (6) Brincar
- (5) Pode ir a escola - Estudar - Escrever
- (2) Pode ter uma vida normal
- (1) Ele pode trabalhar
- (1) Pode se divertir
- (1) Acho que ele pode fazer tudo! Mas com ajuda
- (1) Pode jogar bola
- (1) Pode pular corda
- (1) Fazer comida sozinho
- (1) Ele sempre vai precisar de ajuda
- (1) Não

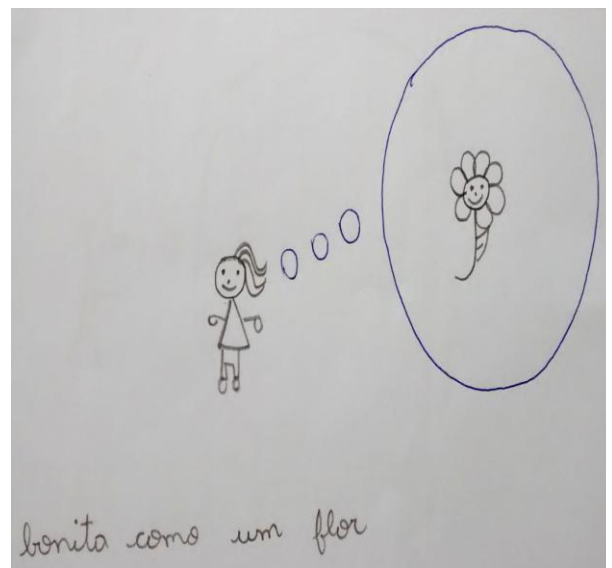
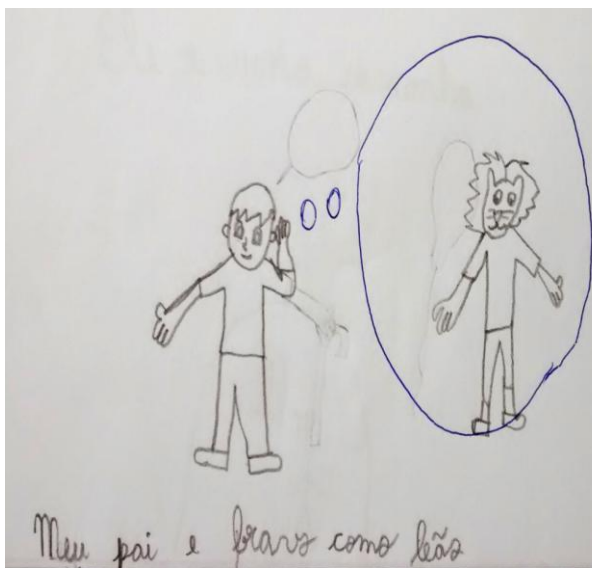
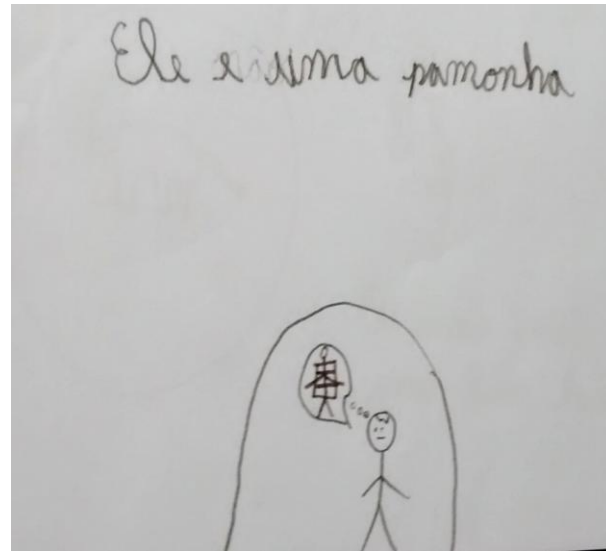
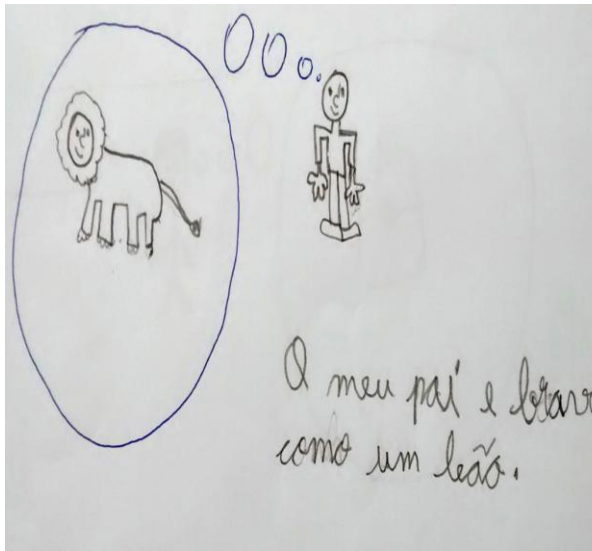
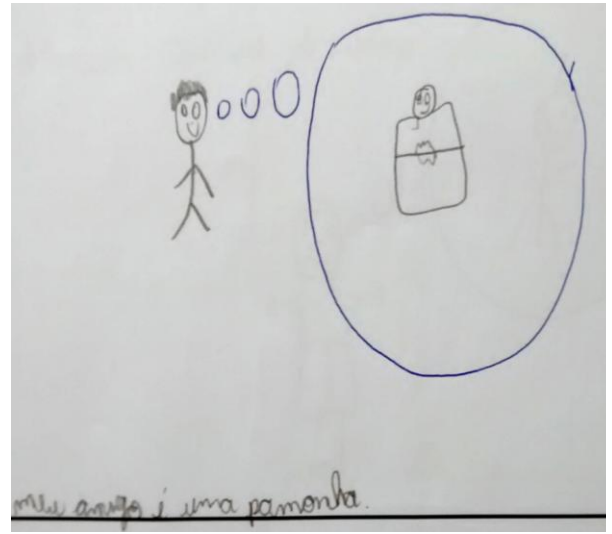
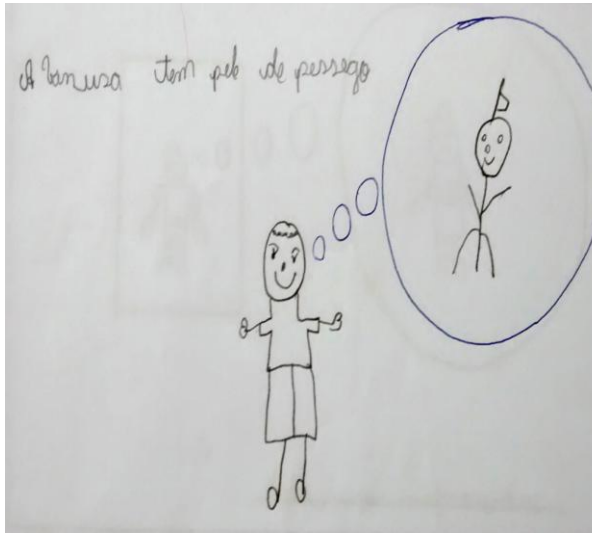
Os alunos em sua maioria responderam que o autista pode levar uma vida normal. Quando criança devem estudar, brincar e se divertir, já na vida adulta podem trabalhar, cozinhar.. ter uma vida normal.

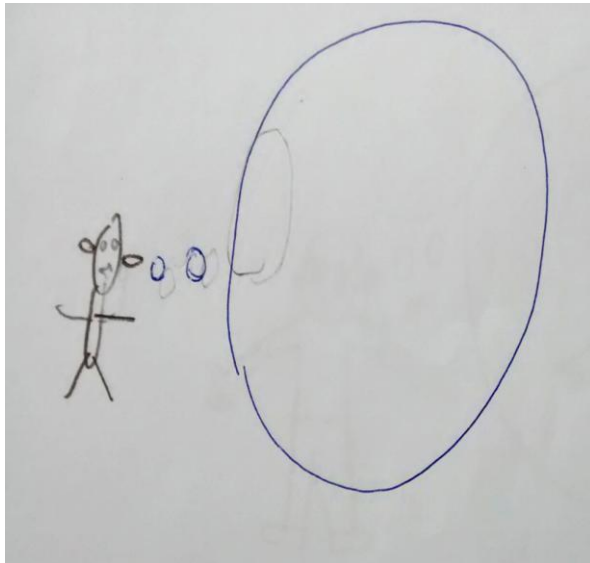
Quadro 21: Questionário teleológico - Desenhos

4- Desenhe uma criança autista! Represente como ela é fisicamente e como é o pensamento dessa criança em relação às figuras de linguagem!









Nos desenhos é visível que os alunos ressignificaram a ideia de autismo ser uma deficiência, não aparece a ausência de membros e a relação de dependência com outra pessoas.

Em relação ao pensamento do “autista”, os alunos compreenderam que eles não conseguem realizar o pensamento abstrato e jogos fantasiosos que usem a imaginação, por isso devemos evita-los. Melo (2010, p.32) Nos jogos a criança não apresenta fantasia, imaginação e representação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que para que haja uma inclusão de fato, os alunos regulares também precisam ser vistos durante o processo, para que os mesmos não tenham uma visão preconceituosa e estigmatizada pela incompetência, assim como não aprendam o dizer do não lugar desse aluno na escola regular!

É importante enfatizar que a abordagem crítico-superadora contribuiu continuamente para o trabalho. Possibilitou não só a organização, mas incentivou através das reflexões pedagógicas um olhar crítico em todos os momentos sendo assim possível ressignificar a realidade.

Diante do exposto, os resultados permitem dizer que os alunos regulares em um processo de inclusão não recebem nenhum tipo de conhecimento e instrução a cerca do aluno PNEE incluído. Precisa-se ainda refletir sobre os possíveis desdobramentos resultantes dessa prática.

É preciso ainda visualizar a idade dos alunos e perceber que essa variável não foi um fator limitador. Os alunos foram capazes de construir seu conhecimento e superar uma visão romântica que alguns demonstraram durante o processo.

Levando em conta, a intervenção realizada é visível a apropriação de conhecimento pelos alunos acerca da temática autismo, o que pode resultar em mudanças de comportamento relacionadas à prática inclusiva e a uma possível permanência do PNEE na escola regular. Sugere-se que seja feita uma nova intervenção para poder compreender esse comportamento.

A presente intervenção é fruto de uma reflexão pedagógica escolar, que demonstra a realidade social e dá condições para que o aluno possa intervir em seu meio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Associação Psiquiátrica Americana (2002). **MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS**. Porto Alegre: Artes Médicas.

AUTISMO - CONSCIENTIZAÇÃO - VIDEO DA TURMA DA MÔNICA. Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=3lqLNmlh3ZE>> 2:38min. Youtube. Acesso em: 02 de Agosto de 2015.

AUTISMO COMPORTAMENTO. <<https://www.youtube.com/watch?v=rrwMjvUiqaY>> 11:01min. Youtube. Acesso em: 02 de Agosto de 2015.

AUTISMO/JOÃO VICTOR E SUAS SUPERAÇÕES 2015. <<https://www.youtube.com/watch?v=p9zINazffLY>> 3:36min. Youtube. Acesso em: 02 de Agosto de 2015.

BAPTISTA, Claudio Roberto e Cleonice Bosa, (org). **AUTISMO E EDUCAÇÃO: REFLEXÕES E PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO**. Porto Alegre: editora Artmed, 2002.

BOSA, C. & CALLIAS, M. AUTISMO: BRVE REVISÃO DE DIFERENTES ABORDAGENS. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 13, n. 1, p. 167-177, 2000.

BRASIL, Ministério da Educação. **DIRETRIZES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA**. Secretaria da Educação Especial. MEC, SEESP, 2001.

BRASIL. **POLÍTICA NACIONAL DE PROTEÇÃO DOS DIREITOS DA PESSOA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO**. DECRETO Nº 8.368, DE 2 DE DEZEMBRO DE 2014. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012.

BRASIL. *Senado Federal*. **LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL**: nº 9394/96. Brasília : 1996

CAMARGO, Sígla Pimentel Ho (tem um trema aqui)her; BOSA, Cleonice Alves. **COMPETÊNCIA SOCIAL, INCLUSÃO ESCOLAR E EAUTISMO: REVISÃO CRÍTICA DA LITERATURA**. **Psicologia & Sociedade**. Porto Alegre, v. 21, n.1, p. 65-74, 2009.

CAPÍTULO DE CAILLOU DONDE EXPLICAN COMO SE SIENTE UM NINÕ COM AUTISMO. <<https://www.youtube.com/watch?v=tjYrrlgNaGE>> 7:09min. Youtube. Acesso em: 02 de Agosto de 2015.

CARTILHA: TRANSTORNO DO ESCTRO DO AUTISMO. Assembléia Legislativa do Pernambuco. 2015

COLETIVO DE AUTORES. **METODOLOGIA DO ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**. São Paulo: Cortez. 2ª Edição Revisada. 2012.

CORREIA, Luís de Miranda. (2003). **EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSÃO**. Coleção Educação Especial. Porto: Porto Editora;

CRIANÇAS CONTAM COMO É VIVER COM AMIGO AUTISTA NA ESCOLA. < <https://www.youtube.com/watch?v=-TaTkas0wXl>> 2:57min. Youtube. Acesso em: 02 de Agosto de 2015.

CRUZ, Célia Maria Souza Vieira da. **ATITUDE DOS DOCENTES DO SEGUNDO CICLO FACE À INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS**. Tese de Mestrado. 2013

DURANTE. Juliana Cáu. **AUTISMO: UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE OU DIFERENÇA?** Anais da USP. 2014

GASPARI, T.C.; SOUZA JUNIOR, O.; MACIEL,V.; IMPOLCETTO, F.; VENANCIO, L.; ROSARIO, L. F.; IÓRIO, L.; THOMAAZO, A. Di.; DARIDO, S. C. A REALIDADE DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: SUAS DIFICULDADES E SUGESTÕES. **Revista Mineira de educação física**. v.XIV, p.109 -137, 2006.

GONZALÉZ, F. J; FENSTERSEIFER, P. E. **ENTRE O “NÃO MAIS” E O “AINDA NÃO”:** **PENSANDO SAÍDAS DO NÃO LUGAR DA EF ESCOLAR II***. Cadernos de Formação RBCE. 2010. p 10-21.

GÜNTER, Harmut. PESQUISA QUANTITATIVA VERSUS PESQUISA QUALITATIVA: ESTA É A QUESTÃO? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Vol. 22 n. 2, pp. 201-210 Universidade de Brasília; Mai-Ago 2006.

JOÃO VICTOR AUTISTA E SUAS EVOLUÇÕES EM 2013. < <https://www.youtube.com/watch?v=PY8Zc5l4LJg>> 6:04min. Youtube. Acesso em: 02 de Agosto de 2015.

JÚNIOR, et al. Autismo infantil. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. 2000;22 (Supl I):37-9

KANNERr, L. (1943). **AUTISTIC DISTURBANCES OF AFFECTIVE CONTACT**. *Nervous Child* ,2 , 217-250

LAGO, Mara. **AUTISMO NA ESCOLA: AÇÃO E REFLEXÃO DO PROFESSOR**. Tese de Mestrado. 2007.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL**. Brasília, MEC/SEESP, 1994.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **INCLUSÃO ESCOLAR: O QUE É? POR QUÊ? COMO FAZER?** São Paulo: Moderna, 2003.

MARINHO, Eliane A. R. **UM OLHAR SOBRE O AUTISMO E SUA ESPECIFICAÇÃO**. **Educere**. 2009

MASINI, E. A. F. S. **UMA EXPERIÊNCIA DE INCLUSÃO – PROVIDÊNCIAS, VIABILIZAÇÃO E RESULTADOS.** Educar, Curitiba, n. 23, p. 29-43, 2004. Editora UFPR 29

MELO, Sandra Cordeiro. **INCLUSÃO EM EDUCAÇÃO:UM ESTUDO SOBRE AS PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL DO RIO DE JANEIRO, SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE INCLUSÃO.** Tese de Doutorado. Rio de Janeiro. 2010

NOTBOHM, Ellen. **DEZ COISAS QUE TODA CRIANÇA COM AUTISMO GOSTARIA QUE VOCÊ SOUBESSE.** Edição atualizada e ampliada. 2005. 184 pag.

OLIVEIRA, Amauri A. Bássoli de. **METODOLOGIAS EMERGENTES NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA.** *Revista da EDUCAÇÃO FÍSICA/UEM* 8(1):21-27 ,1997.

OLIVEIRA, F. E. T. R. **O PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS.** Tese de Mestrado. Vila Real. 2013

RABELO, Annete Scotti. **ADAPTAÇÃO CURRICULAR NA INCLUSÃO.** *Revista Integração.* Secretaria de Educação Especial do MEC-ano 9, n1 21, 1999

RUTTER, M. (1979). **DIAGNOSIS AND DEFINITION.** Em M. E. Rutter & E. Schopler (Orgs.), **AUTISM: A REAPPRAISAL OF CONCEPTS AND TREATMENT** (pp. 203-215). New York: Plenum Press.

SCHWARTZMAN, J. S. ; ORSATI, F. T. ; MACEDO, E. C. **TRANSTORNOS INVASIVOS DO DESENVOLVIMENTO: CONCEITUAÇÃO E CRITÉRIOS DIAGNÓSTICOS.** In: Alexa L. Sennyey; Fernando C. Capovilla; José M. Montiel. (Org.). **Transtornos de aprendizagem: da avaliação à reabilitação.** 1ed.São Paulo: Artes Médicas, 2008, v. 1, p. 31-38

SEABRA JR., L. et al. **EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E INCLUSÃO: DE QUE ESTAMOS FALANDO.** Disponível em <http://www.efdesportes.com>. *Revista Digital*, Buenos Aires, ano10, n.73, jun. 2004. Acesso em 04.01.2015.

SILVA, F.R; JÚNIOR, L. S; ARAÚJO, P.F. **EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA NO BRASIL: DA HISTÓRIA À INCLUSÃO EDUCACIONAL.** São Paulo: Phorte editora, 2008.

SOLER, Reinaldo. **EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA NA ESCOLA: EM BUSCA DE UMA ESCOLA PLURAL.** Rio de Janeiro: Sprint, 2009 - 2ª edição

SUNG, Jung Mo; SILVA, Josué Cândido. **CONVERSANDO SOBRE ÉTICA E SOCIEDADE.** 10.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

TESTA. **METODOLOGIAS DE ENSINO EM EDUCAÇÃO FÍSICA.** *EFDeportes.com*, *Revista Digital*. Buenos Aires, Año 16, Nº 159, Agosto de 2011

VIEIRA, et al. **INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM AUTISMO: O QUE DIZ A LITERATURA.** GT5- Educação, Comunicação e Tecnologia. 2005

Wing, L.; Gould, J. (1979). **SEVERE IMPAIRMENTS OF SOCIAL INTERACTION AND ASSOCIATED ABNORMALITIES IN CHILDREN: EPIDEMIOLOGY AND CLASSIFICATION.** *Journal of Autism and Developmental Disorders.*9, 11-29, 1979.

ANEXOS

Anexo 1



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SUL DE MINAS GERAIS
- Campus Muzambinho -



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA A DIREÇÃO DA ESCOLA

Prezado(a) Diretor(a),

Temos o prazer de convidá-lo (a) a participar da pesquisa intitulada “**MEU AMIGO AUTISTA: UMA POSSIBILIDADE DE APRENDIZAGEM SOBRE AUTISMO ATRAVÉS DA ABORDAGEM CRÍTICO-SUPERADORA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**”. Sendo este um Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Graduação da aluna Ana Paula de Melo, orientada pela Prof.^a Ieda Mayumi Sabino Kawashita e co-orientada pela Prof.^a Renata Beatriz Klehm do IFSULDEMINAS/CeCAES – Câmpus Muzambinho. O estudo tem o objetivo de realizar dentro das aulas de Educação Física uma sequência pedagógica que considere o aluno regular como parte importante do processo de inclusão, ofertando a este um conhecimento básico sobre o Autismo.

Para o cumprimento do objetivo do estudo, necessitamos realizar intervenções nas aulas de Educação física, fazendo assim a aplicação da teoria Crítico-Superadora. Serão tomados todos os cuidados necessários, procurando não oferecer nenhum constrangimento para a escola e os alunos. Os responsáveis deverão entregar os termos de consentimento livre e esclarecido (TCLE) para a aluna (Ana Paula de Melo) responsável pela intervenção na escola. **As intervenções serão realizadas por etapas conforme orientação da teoria Crítico-Superadora e não causam nenhum risco moral. A intervenção será realizada na escola durante o horário das aulas de Educação Física.**

Para garantir a confiabilidade desse trabalho, os procedimentos utilizados estarão de acordo com padrões científicos. A intervenção somente será realizada com prévia autorização do responsável, mediante apresentação do TCLE preenchido e assinado. A coleta de dados não afetará o desenvolvimento das atividades na instituição. O projeto deve oferecer condições para que os alunos regulares interajam com o colega autista, entendam quais são suas dificuldades e como podem auxiliar para que a vivência escolar seja a melhor possível.

Será mantido total sigilo das informações obtidas bem como o anonimato dos participantes. As informações serão utilizadas apenas para o desenvolvimento da pesquisa. A sua colaboração tornou-se imprescindível para o alcance dos objetivos propostos. Agradecemos antecipadamente a atenção e colocamo-nos à sua disposição para quaisquer esclarecimentos sobre a pesquisa pelo telefone. Denúncias ou queixas podem ser feitas pelo telefone do IFSULDEMINAS.

De acordo com o esclarecido, aceito colaborar (participar) na realização da pesquisa, estando devidamente informados sobre a natureza do estudo, objetivos propostos, métodos empregados e benefícios previstos.

***** (MG), _____ de _____ de 2015.

Nome do (a) Diretor (a):

Assinatura:

Anexo 2



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SUL DE MINAS GERAIS
- Campus Muzambinho -



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA O PROFESSOR RESPONSÁVEL

Nome do(a) professor(a): _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ CEP.: _____ Telefone(s): _____

Eu, _____, **nome do professor (a)** RG nº. _____ concordo em colaborar com o estudo intitulado “**MEU AMIGO AUTISTA: UMA POSSIBILIDADE DE APRENDIZAGEM SOBRE AUTISMO ATRAVÉS DA ABORDAGEM CRÍTICO-SUPERADORA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**”. sendo este um Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Graduação da aluna Ana Paula de Melo, orientada pela Prof.^a Ieda Mayumi Sabino Kawashita e co-orientada pela Prof.^a Renata Beatriz Klehm do IFSULDEMINAS/CeCAES – Câmpus Muzambinho O estudo tem o objetivo de realizar dentro das aulas de Educação Física uma sequência pedagógica que considere o aluno regular como parte importante do processo de inclusão, ofertando a este um conhecimento básico sobre o Autismo.

Para o cumprimento do objetivo do estudo, necessitamos realizar intervenções nas aulas de Educação física, fazendo assim a aplicação da teoria Crítico-Superadora. Serão tomados todos os cuidados necessários, procurando não oferecer nenhum constrangimento para a escola e os alunos. Os responsáveis deverão entregar os termos de consentimento livre e esclarecido (TCLE) para a aluna (Ana Paula) responsável pela intervenção na escola. **As intervenções serão realizadas por etapas conforme orientação da teoria Crítico-Superadora e não causam nenhum risco moral. A intervenção será realizada na escola durante o horário das aulas de Educação Física.**

Para garantir a confiabilidade desse trabalho, os procedimentos utilizados estarão de acordo com padrões científicos. A intervenção somente será realizada com prévia autorização do responsável, mediante apresentação do TCLE preenchido e assinado. A coleta de dados não afetará o desenvolvimento das atividades na instituição. O professor obterá com a participação no estudo a vantagem de proporcionar aos seus alunos, uma vivência teórica-prática sobre o autismo, conhecer caminhos diferentes para o ensino de um tema não convencional dentro da escola e nas aulas de Educação Física. O professor irá reconhecer como a disciplina de Educação Física é rica enquanto conteúdo e possibilidades de aprendizagem.

Será mantido total sigilo das informações obtidas bem como o anonimato dos participantes. As informações serão utilizadas apenas para o desenvolvimento da pesquisa. A sua colaboração tornou-se imprescindível para o alcance dos objetivos propostos. Agradecemos antecipadamente a atenção e colocamo-nos à sua disposição para quaisquer esclarecimentos sobre a pesquisa pelo telefone (*****). Denúncias ou queixas podem ser feitas pelo telefone do IFSULDEMINAS (*****).

De acordo com o esclarecido, aceito colaborar (participar) na realização da pesquisa, estando devidamente informados sobre a natureza do estudo, objetivos propostos, métodos empregados e benefícios previstos.

De acordo,

Professor (a) responsável (Educação Física)

***** (MG), ____ de _____ de 2015.

Anexo 3



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SUL DE MINAS GERAIS
- Campus Muzambinho -



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA O Sr.(a) PAIS/RESPONSÁVEL

Endereço: _____ Bairro: _____ Telefone: _____

Eu, _____,

nome do responsável (a)

RG n.º _____ autorizo meu filho (a)

_____ aluno (a) da escola (*****), em colaborar com o estudo intitulado “**MEU AMIGO AUTISTA: UMA POSSIBILIDADE DE APRENDIZAGEM SOBRE AUTISMO ATRAVÉS DA ABORDAGEM CRÍTICO-SUPERADORA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**” sendo este um Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Graduação da aluna Ana Paula de Melo, orientada pela Prof.^a Ieda Mayumi Sabino Kawashita e co-orientada pela Prof.^a Renata Beatriz Klehm do IFSULDEMINAS/CeCAES – Câmpus Muzambinho, autorizando meu filho(a). O estudo tem o objetivo de realizar dentro das aulas de Educação Física uma sequência pedagógica através de jogos, brincadeiras, atividades manuais (desenho e trabalhos escritos) e vídeos para que aprendam sobre o Autismo. O projeto considera que o aluno regular (seu filho) é uma parte importante no processo de inclusão de alunos com Necessidades Educacionais Especiais na escola, portanto seu filho irá aprender sobre o autismo da melhor forma, brincando! O projeto deve oferecer a seu filho conhecimento, para que eles vivam em harmonia com possíveis colegas, amigos e familiares autistas.

Para o cumprimento do objetivo do estudo, necessitamos realizar intervenções nas aulas de Educação física, fazendo assim a aplicação da teoria Crítico-Superadora. Serão tomados todos os cuidados necessários, procurando não oferecer nenhum constrangimento para a escola e os alunos. Os responsáveis deverão entregar os termos de consentimento livre e esclarecido (TCLE) para que seus filhos entreguem a professora e ela entregará a idealizadora do projeto (Ana Paula de Melo) responsável pela intervenção na escola. **As intervenções serão realizadas por etapas conforme orientação da teoria Crítico-Superadora e não causam nenhum risco moral. A intervenção será realizada na escola durante o horário das aulas de Educação Física.**

Para garantir a confiabilidade desse trabalho, os procedimentos utilizados estarão de acordo com padrões científicos. A Intervenção somente será realizada com prévia autorização do responsável, mediante apresentação do TCLE preenchido e assinado. A coleta de dados não afetará o desenvolvimento das atividades na instituição. O projeto deve oferecer condições para que os alunos regulares (seu filho) saibam o que é o autismo, quais são as dificuldades, as possibilidades, as conquistas e formas para que seu filho possa auxiliar um colega autista a viver da melhor maneira possível.

Será mantido total sigilo das informações obtidas bem como o anonimato dos participantes. As informações serão utilizadas apenas para o desenvolvimento da pesquisa. A sua colaboração tornou-se imprescindível para o alcance dos objetivos propostos. Agradecemos antecipadamente a atenção e colocamo-nos à sua disposição para quaisquer esclarecimentos sobre a pesquisa pelo telefone (*****). Denúncias ou queixas podem ser feitas pelo telefone do IFSULDEMINAS(*****).

De acordo com o esclarecido, aceito colaborar (participar) na realização da pesquisa, estando devidamente informados sobre a natureza do estudo, objetivos propostos, métodos empregados e benefícios previstos.

De acordo, _____

Assinatura do Pai/Responsável

***** (MG), ____ de _____ de 2015.